

EDIÇÃO PLURAL

ISSN : 2594-455X - CENTRO BRASILEIRO DO ISSN

tertúlia

ANO 6 | Nº 7 | NOVEMBRO | 2023



PALAVRAS

- PONTES

Construindo pontes em vez de muros

FINALISTA
Jabuti
EIXO INOVAÇÃO



**MEU SONHO É
APRENDER**

JEANNE SOARES

**É TEA. E
AGORA?
COMO
TRANSFORMAR A
ANGÚSTIA
FAMILIAR EM
APRENDIZADO NO
DIAGNÓSTICO DO
TRANSTORNO?**

PATRÍCIA FERREIRA NÓBREGA

 **MochiLer**

tertúlia

seu texto fora da gaveta

**PUBLIQUE
SEU TEXTO**

83 98888.1503
INFORMAÇÕES



MochiLER

Empoderando pessoas através
do letramento profissional

 mochiler.leitura

CONSELHO EDITORIAL

Adail Sobral | Furg
Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB
Ana Lúcia Sousa Neves | UEPB
Ana Maria Machado | ABL
Bruno Gaudêncio | ALCC
Cidoval Moraes De Sousa|UEPB
Denise Lino De Araújo | UFCC
Isabelle De Araújo Pires | SEECT-PB
Jairo César | SEECT-PB
João Wanderley Geraldi | UNICAMP
José Cristovão Andrade | UEPB
José Helder Pinheiro | UFCC
José Hilton Silva Dantas | SEECT-PB
Josemir Camilo | ALCC
Jurani Clementino | ALCC
Leonor Werneck Dos Santos | UFRJ
Luciano Nascimento | UEPB
Luciene Maria Patriota | UFCC
Mailson Furtado Viana | CIA C. ARTE
Manassés Moraes Xavier | UFCC
Marcos Bagno | UNB
Maria Augusta Reinaldo | UFCC
Maria Valéria Rezende | C. FEM. LITÉR.
Mirtes Waleska Sulpino | ABES
Monique Alves Vitorino | UPE
Patrícia Silva Rosas De Araújo | IDES
Patrício Albuquerque Vieira| IFRN
Pedro Farias Francelino | UFPB
Renata Junqueira De Souza | UNESP
Vera Lúcia Batalha | UNITAU

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PEDAGÓGICA

Patrícia Silva Rosas
Isabelle de Araújo Pires
DIAGRAMAÇÃO / CAPA
Carolina de Medeiros Bandeira Jeronymo



Projeto e realização MochiLER
Editora-chefe - Patrícia Silva Rosas de Araújo
Segmento - Educação

ANO 6 | Nº 7 | NOVEMBRO | 2023
MOCHILER - CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
ISSN : 2594-455X
CENTRO BRASILEIRO DO ISSN
Central de atendimento
Paraíba (83)98888-1305
revistatertulia17@gmail.com
Instagram @tertuliarevista
Instagram @mochiler.leitura



Distribuição e uso livre.
Imagens Canva

O conteúdo dos textos publicados é de inteira responsabilidade de seus autores, não representando a posição oficial dos editores e nem do conselho editorial da revista.



[EDITORIAL]

PALAVRAS — PONTES

Construindo pontes em vez de muros

Em um mundo repleto de diversidade e complexidade, a palavra é uma ponte que nos une, que nos aproxima e que nos coloca em sintonia com o outro. Ela transcende fronteiras, culturas e barreiras, permitindo que pessoas de diferentes origens se conectem, compartilhem ideias e se entendam uns aos outros.

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN)

Com frequência nos deparamos com a incompreensão das palavras alheias, o que pode gerar desconforto, insegurança e sentimentos de injustiça, desamor e desalento. Isso ocorre porque tendemos a esquecer que cada palavra carrega consigo uma história, uma identidade, um contexto de produção e, conseqüentemente, uma carga de significado vivencial e ideológico. Nesse contexto, *não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis* (Bakhtin e Volochinov, 2010 p.95).

Nesta edição da Revista Tertúlia, convidamos você, caro leitor, a explorar o poder da palavra como ponte para um mundo diverso, complexo e plural: Não tenha medo de se aventurar por novos horizontes, de se abrir para diferentes pontos de vista, de debater, discordar e crescer. A *palavra-ponte* é desafiadora, pois muitas vezes nos confrontamos com ideias que fogem das nossas convicções. No entanto, o verdadeiro enriquecimento vem do envolvimento, do diálogo e da mistura de experiências com o outro.

Siga em frente, leia e converse com os nossos autores sobre autodescoberta, transformação, memórias, infância, sonhos, família, leitura, saúde, sala de aula, conflitos e mediação, direitos e cidadania. Estamos confiantes de que as palavras dos outros se fundirão com as suas, criando novas ideias e perspectivas, alimentadas pela empatia, compreensão e diálogo construtivo.

A intenção de nossos autores é clara: construir pontes em vez de muros. Portanto, encorajamos a todos a embarcar nessa jornada de *palavras-pontes* que unem nossos mundos.

Boa viagem nesta travessia de conhecimento e entendimento mútuo!

Equipe Editorial



SUMÁRIO

09

O GRÃO DE AREIA E A PÉROLA

Cacirlene Maria Machado da Silva (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

11

JUNTANDO LETRAS E PALAVRAS À MINHA VIDA

João Carlos Da Silva Aguiar (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

14

A RELEVÂNCIA DE PERTENCER-SE

Kaio Marks (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

16

QUEM ROUBOU O SORRISO DOS PROFESSORES?

Maricélia Ribeiro Jorge (Universidade Federal da Paraíba)

18

O TÊNIS HUMILDE E A MOCHILA VAIDOSA

Luiz Gustavo da Nóbrega Alves (Colégio Centro Educacional Moderno)

19

NO TEMPO DA PALMATÓRIA

Eunice Pereira Da Silva (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

20

PROFESSAR

Eliziane De Oliveira Balduino (Secretaria de Estado de Educação da Paraíba)

21

MEU SONHO É APRENDER

Jeanne Soares (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

22

COISAS DE CRIANÇA

Nathyele Thauane Basei (Colégio Centro Educacional Moderno)

SUMÁRIO

23

A JORNADA MELANCÓLICA DO LIVRO DE FILOSOFIA

Keylla Shislane Santiago Dos Santos (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

25

O DIA QUE A VOVÓ CONVENCEU O LOBO A NÃO DESTRUIR LIVROS

Rosângela Moraes Macedo (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

27

UMA PROFESSORA NADA PEDAGÓGICA

Sônia Dutra (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

31

VESTINDO ASAS

Tainá Barbosa Alves (EMEF CEAI Dr. Elpídio de Almeida)

32

A INFÂNCIA E SUA SINGULARIDADE

Patrício de Albuquerque Vieira (Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Campus Nova Cruz)

38

É TEA. E AGORA? COMO TRANSFORMAR A ANGÚSTIA FAMILIAR EM APRENDIZADO NO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO?

Patrícia Ferreira Nóbrega (Prefeitura Municipal de Queimadas-PB)

41

LEITURA COMO RESISTÊNCIA AO CAOS

Maria José Da Silva (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

43

AFETO, ACOLHIMENTO E APRENDIZAGEM

Ângela Karina Belarmino Silva Brito (Universidade Estadual da Paraíba)

46

AS PRÁTICAS LEITORAS PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES

Bruna Kelli De Moraes (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

48

A LEITURA COMO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Patrícia Oliveira e Silva (Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)

SUMÁRIO

49

ONDE ANDARÃO OS LEITORES? REFLEXÕES PRÁTICAS E TEÓRICAS EMBASADAS NA LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Paula Sabrina Barbosa de Albuquerque (Universidade Estadual da Paraíba)

51

DIFICULDADES COTIDIANAS NA PRÁTICA DOS MEIOS ALTERNATIVOS DE SOLUÇÃO DE CONFLITOS

Rafael Reis Lins (ESMA/PB)

54

DESJUDICIALIZAÇÃO DOS CONFLITOS FAMILIARES: O PAPEL TRANSFORMADOR DA MEDIAÇÃO

Nayra Luanna Neves Gonçalves (ESMA/PB)

57

O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA SAÚDE DO TRABALHADOR: QUEM CONTRAIU O CORONAVÍRUS TEM DIREITO A BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS DO INSS?

Rafaela Viana dos Santos Oliveira (ESMA/PB)

61

A CONSTITUCIONALIZAÇÃO DO DIREITO PRIVADO, COMO MEIO DE EFETIVAÇÃO À AUTOCOMPOSIÇÃO CONSENSUAL SOB O PRINCÍPIO DA SOLIDARIEDADE

Samara Arruda Gonçalves (ESMA/PB)

64

FAMÍLIAS BRIGAM POR QUALQUER RAZÃO, MAS ACABAM PEDINDO PERDÃO, COM A MEDIAÇÃO!

Sarah Donato Soares (ESMA/PB)

O Grão de areia e a pérola

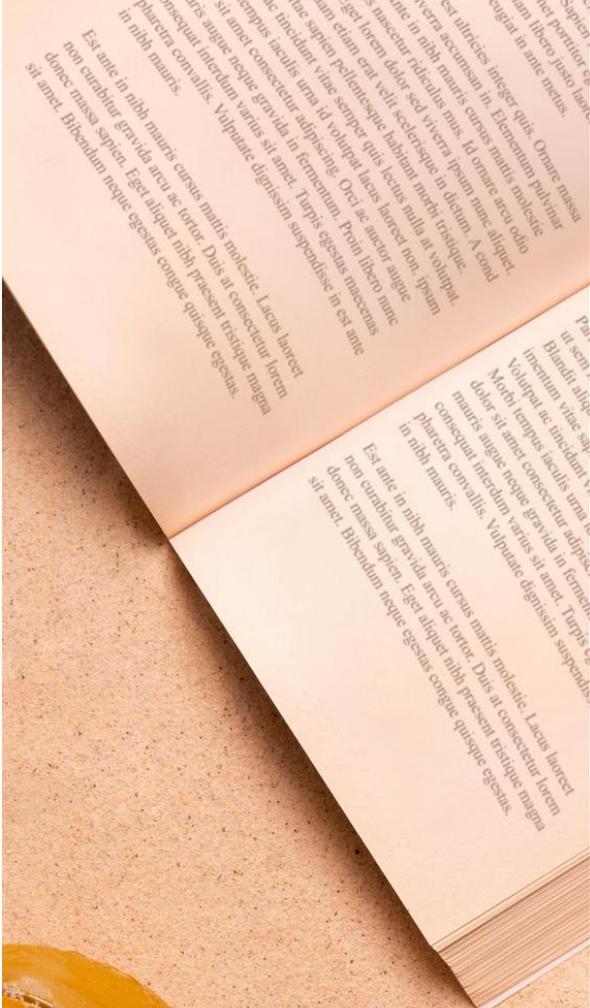
Cacirlene Maria Machado da Silva

C asei cedo, dezenove anos, jovem, imatura e dependente, com sonhos de casamento perfeito de contos de fadas. Sempre gostei de sonhar. Foram quase dezenove anos dedicados à família, filhos, marido, rotina cumprindo meu dever, esqueci de mim.

Veio a separação, fase difícil da minha vida, um choque. Meu castelo ruiu! A menina teve que sair do castelo para tornar-se mulher. Eu me vi só, sem saber qual caminho seguir. Percebi que precisava lutar por mim, ter dignidade, recomeçar, embora tivesse curso superior, nunca havia trabalhado no período em que estive casada. Vivia em constantes mudanças de cidades, seguindo caminhos traçados por outros. Mudei minha rota, segui outros destinos, dediquei-me à área da educação.

(Foto: Portal G1)

[CRÔNICA]



Hoje, atuo como mediadora da sala de leitura numa escola municipal. Lá, posso dar vazão aos meus sonhos. Sim, continuo sonhando e os livros me permitem descobrir muitos castelos. Agora, com os “pés no chão”, tento ajudar as crianças a vencer seus limites. Nesses dias, deparei-me com “O grãozinho de areia”, do Fernando Paixão. Um lindo conto!

Lembrei-me do meu processo de separação e me vi como aquele pequeno grão de areia, jogado de um lado para outro, a vagar por tantos caminhos, parando dentro de uma ostra no fundo do mar. Encontrei-me! Como aquela ostra, também sofri, senti dor, mas remexi e criei uma crosta, uma camada de proteção para, então, entender que daquela dor se formava uma pequena e valiosa joia, a pérola.

Todos nós somos como pérolas. Não vemos nossas transformações, mas está lá acontecendo, todo dia. Crescemos, aprendemos e nos tornamos pessoas melhores e mais valiosas. Andamos pela vida à procura de que pessoas inexperientes nos avaliem e valorizem. Até que descobrimos por nós mesmos nosso próprio valor.

SAIBA +
um castelo de areia tem mais chances de ficar de pé se for construído com uma massa formada por 99% de areia e 1% de água



JUNTANDO LETRAS E PALAVRAS À *minha vida*

João Carlos da Silva

É

madrugada. A rua está deserta e a Estrela Dalva ainda é vista com toda sua luz especial. Faz muito frio. Embora a ocasião fosse para um casaco, prefiro deixar meu corpo se aquecer enquanto pedalo. Da minha casa para a construtora são quase trinta minutos de bicicleta. No meio do trajeto vejo placas, letreiros de lojas e anúncios. Lembro das lições da professora. Começo a juntar as palavras na mente. Letra por letra até que tudo tenha um significado. E pensar que há algum tempo, sequer conseguia fazer meu nome. Engraçado a gente não saber escrever o próprio nome! É como se a gente fosse e não fosse. Tivesse identidade, mas, no fundo no fundo, não se reconhecesse. O caminho serve como estudo. Cada leitura desvenda novas coisas. Agora começo a enxergar, de verdade, as coisas que me cercam. Por exemplo, o supermercado precisa de atendentes. A padaria da esquina tem promoção de salgados. A loja que minha esposa tanto gosta de comprar roupas é um brechó – nome esquisito para lugar que vende roupa usada. À frente, vejo a escola da minha filha - Epitácio Pessoa. Minha professora disse que ele foi presidente do Brasil há um tempão. Agora é nome de escola. Acho que ficaria feliz.

SAIBA +

A melhor época para observar estrelas é no inverno, em dias frios e secos. Nessa época, a quantidade de nuvens é menor, deixando o céu mais limpo para as estrelas.



Quando menos espero, já estou revendo os amigos de lida. José é pedreiro fino. Constrói de casa a prédio. Sabe tirar metragem de um jeito que faria até inveja a engenheiro. Ele está na minha turma da EJA. A professora ficou espantada quando ele resolveu de cabeça, uma área num problema matemático. Ele nunca viu Geometria Plana ou Espacial, mas aprendeu do jeitinho dele a fazer as contas e a não desperdiçar o material do contratante. Hoje, sabe as fórmulas. Aprendeu o significado das letras nas continhas de área. Agora está todo feliz. Se achando “doutor engenheiro”, pode? Miguel é o mais moço de nós tudo. Gosta de namorar e é metido a poeta. Nunca leu um livro de poemas. Assim como José e eu, era analfabeto de pai e mãe. Mas tinha talento. Boa memória. Ouvia de um e outro para criar suas próprias poesias e galantear às meninas. Com a professora ele descobriu como as palavras, tudo alinhada uma após outra - como é que ela chama mesmo? - em versos e estrofes, fazem um som gostoso no ouvido da gente. Ela disse que é rima. É como a melodia da alma. Vai ver que é mesmo, porque a primeira vez que Miguel leu um poema na sala de aula, encheu os olhos de lágrimas.

Quando o expediente encerra, cada qual rumo para suas casas. É só tempo de tomar um banho. Trocar de roupa. Vestir a farda, pegar os cadernos e seguir para a escola. Tem colega que vai com a própria roupa de trabalho. Muitos sujos ainda. Mas ninguém liga. Ali, somos todos companheiros de estudos. Viemos de realidades muito semelhantes.

Era um que perdeu os pais e teve que abandonar a escola para sustentar a casa e os irmãos. Outro que trabalhava na roça, distante e muito, de qualquer escola. Outra que engravidara muito nova e tivera que abandonar tudo para cuidar da criança. Outro que se metera nos vícios e acabara perdendo tudo para a bebida. Mulher que não podia estudar por causa de marido ciumento. Gente, como eu, que teve que escolher entre o lápis e a enxada. Que desde cedo soube que a vida era dura e a sobrevivência exigia renúncias. Gente que nunca soube o que era Matemática e fazia conta de cabeça. Descubri, vendo a história dos meus amigos, que a gente soube “dar nossos pulos” para sobreviver. Por isso a gente não chegava na sala de aula sem saber de nada. A professora dizia que nós tínhamos experiência - não... como é o nomezinho que ela gosta de dizer? Ah... vivências. Isso! Nós tínhamos vivências. Dizia que aprende muito com todos nós.

Ora, vejam só vocês, eu - um homem bruto, até um dia desses, analfabeto - ensinar alguma coisa a professorinha que parecia um tlvro com pernas e braços. Não tinha nada que não soubesse. Como ela foi paciente! Aquelas letras todas pareciam brincar de esconde-esconde na cabeça da gente. Quando não entendíamos, buscava outra maneira de ensinar a mesma coisa. Ela ensinou que a gente não lê letras isoladas, lê palavras. Que tudo tem significado. Que compreender o que a vida quer dizer vai além de só saber ler e escrever.

E assim, devagarzinho, ela conseguiu abrir nossos olhos. E como é bom enxergar! Como é bom ler o mundo! Meus pais nunca tiveram esta felicidade. Agora, incentivo meus amigos de trabalho. Pego no pé. Fico dizendo que não basta somente ter uma profissão. Trabalhar pra comer. A gente precisa de mais! O mundo tem tantas belezas que as letras escondem. Tantas sensações que a gente só percebe depois que compreende o que elas querem nos dizer. Hoje eu posso ser exemplo para minha filha. Sou, também, estudante. Nome bonito, não é? A professora diz que somos eternos aprendizes. Ela é fã de Paulo Freire. Conta muitas histórias dele. Diz que esse homem revolucionou a educação de jovens e adultos. Que para ele a educação tem que libertar. Que pessoas sem acesso ao estudo são oprimidas com mais facilidade neste mundão de Meu Deus.

Acho que ela se inspira nele quando nos faz entender sobre Cidadania. Quando nos ensina sobre direitos e deveres. Quando nos mostra nosso papel na sociedade.

Hoje me considero outro homem. As letras me abriram um mundo novo, repleto de esperança. Cheio de possibilidades. Viajo nos livros para tantos lugares que, com certeza, talvez nunca vá pessoalmente. Tenho planos de continuar os estudos. Sinto que a alegria que tenho em aprender algo novo é igual ou maior a que minha filha sente todos os dias na escola dela. Sempre é tempo de aprender.

Não importa a idade. Basta querer. Perseverar. Buscar dentro de nós essa força tão grande, tão intensa que é a do querer aprender. Então boa aula, meu amigo!



A RELEVÂNCIA DE PERTENCER-SE

Kaio Marks

Nessas duas semanas, eu comecei a viver o que sempre quis a vida inteira. Enquanto professor vinha a conta-gotas, tendo êxitos isolados. Sempre tive desejo de “furar” a bolha. Ainda faltava não me abandonar. Antes aparecia uma coragem amarelada, que logo, logo, na primeira resistência, eu desistia de mim mesmo. Ficava arrasado. Fugia do atrito aferrado em sala de aula pra parecer que era um “cara do bem”, mas faltava “abandonar a velha escola”, como diz Lulu Santos.

Entendi que precisava ter pulso e persistência. Vem dando certo! Não desisti mais nos primeiros obstáculos. Dá trabalho? Dá. Mas onde atuo, com a profissão que tenho, chamamos a labuta de trabalho, então, mãos à obra! É fazer valer a que fui convocado. É tão bom estar conosco mesmo. Saber que a noite separará dois ou mais dias e você parece que ligou as turbinas e não apaga mais. Essas conquistas internas são inenarráveis.

Cá estou tentando ser um pouco fiel para imprimir coragem aos esperançosos de nosso século. Ao “ser desbravador” que há em mim, eu o presenteio com mais desafios a partir da gamificação interna, buscando o equilíbrio diário entre o vencer, o aprender, o sentir e o saber. Sempre. Minhas aulas estão mais coloridas. Foi Metanoia. A noite meu corpo ao pedir cama para descansar, dorme feliz com um sorriso alargado, grato a Deus por mais um dia nesse universo plural chamado educação. Estar com jovens com “um pé na fase adulta” é desafiador e ao mesmo tempo, fascinante. É contemplar muitas faltas e muitas outras vezes ser “paifessor”.





“

“...tão bom estar conosco mesmo. Saber que a noite separará dois ou mais dias e você parece que ligou as turbinas e não apaga mais.”

Professor de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino, anos finais, formado em Letras, com pós em Linguística Aplicada ao Ensino, Campina Grande, Paraíba, kaioronniem@gmail.com

É cair e levantar da poeira e pôr a dificuldade a serviço de um bem maior. Se deixarmos adoecer, caberá menos livros e mais remédios nas nossas mochilas. Hoje, a apenas duas semanas, eu resolvi não mais me abandonar. Transferir a educação que eu tanto queria implantar em minhas salas de aula. Implantei-a dentro da minha maior sala de aula, a que acesso diuturnamente: O MEU EU.

Depois que eu conheci esse lugar especial eu não estou mais conseguindo me autossabotar e pensar apenas nas dificuldades. As soluções, devido a busca sincera, têm me chegado constantemente, ora com delay, ora em banda larga, mas até agora nada mais é dispensado. Tudo é registrado na alma pelo crivo da aprendizagem. Ora amargo, ora adocicado, mas “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, como diz Fernando Pessoa, e, pessoalmente, eu entendi, o que apenas eu recitava, sem existência, com ranço.

Minha alma tem sede e fome de interação, nunca de isolamento. Às vezes isolar-se para uns é autocuidado, respeito. Em relâmpagos momentos, pode ser algo importante treinar esse recolhimento, mas se eu me isolar demais, volto a me perder, pois as maiores e melhores respostas estarão no aprender-fazendo e não no anônimo-teórico. O mundo, as nossas aulas, o nosso íntimo precisa disso: o desejo de se permitir desejar, como disse Martha Medeiros.



QUEM ROUBOU O SORRISO DOS PROFESSORES?

Maricélia Ribeiro jorge

Assim como muitas pessoas, sempre sonhei em ser professora, porém uma professora semelhante à professora Maluquinha de Ziraldo - cheia de ideias e alegrias.

Bebi em muitas fontes que me tornaram quem quis ser e sou - feliz. Porém, agora aos 30 anos de pleno exercício, presencio da minha sala de aula, minhas colegas com passos largos e apressados, cabelos desconcertados, rostos sem sorrisos e lábios sem batom. As vejo sempre correndo num esforço profundo, querendo alcançar o vento.

Quem roubou o sorriso dos professores? Quem apagou aquele brilho do seu olhar quando o assunto é educação e aprendizagem? Observo atentamente ao meu redor a falta de felicidade no rosto dos professores, corpos exaustos, ausência de saúde física e emocional. Que tristeza! O profissional essencial à humanidade está doente e necessita de cuidados, mas quem vai cuidar dele? Para onde será levado?

Pego-me pensando por que esse profissional, tão necessário à sociedade precisa passar por tantos processos de desânimo e desgastes? Qual foi seu crime? Ele trabalha salvando vidas...

Não consigo imaginar um mundo sem professores felizes protagonizando realizações. É necessário rever as condições de trabalho, salários, carga horária e um ambiente propício à saúde mental e emocional desse profissional. E assim, poderem realizar seu trabalho com alegria e satisfação.

Mais uma indagação surge: o que fazer para devolver a alegria do professor? Seria possível encontrarmos quem a roubou? Em caso afirmativo, poderíamos negociar essa devolução? Afinal somos bons em argumentação! Muitos são os questionamentos e poucas as soluções. Não somos insubstituíveis. A tecnologia digital já consolidou e o Chat GPT pode confirmar num *clac*. Somos agentes de mudança, que conduz a reflexões nas vidas das pessoas. Ampliamos as discussões pontuais acerca de muitas temáticas, ofertamos soluções reais a prática de sala de aula através de diversos recursos, inclusive digitais, relevantes para um ensino significativo.

Remeto-me a um conto de amor rasgado de Marina Colasanti “Para que ninguém a quisesse”, não almejando a postura da personagem principal, a qual foi silenciada por ser linda, leve e feliz. Por fim, revisto-me de Sherazade para motivar meus colegas a sempre caminharem em veredas de sabedoria, de qualificação, de saúdes e autoestima, pois têm muito a ofertar a esta sociedade, que infelizmente, não sabe reconhecer um grande e perfeito amor.

Caros professores, nunca esqueçam disto: um professor feliz planta e exala muita felicidade por onde passa, portanto sejam perfume e transbordem sorrisos, mesmo que roubados.

Graduada em letras(UEPB). Pós graduada em Linguística e literatura, UEPB Tecnologias da Educação(UNINTER). Mestranda em Linguística e Ensino(UFPB). Natural de Esperança-PB. Professora de Língua portuguesa. Mediadora de sala de leitura no município de Campina Grande-PB. professora de Língua Portuguesa no Município de São Sebastião de Lagoa de Roça-PB

OUÇA+

Sabia que você deve ser gentil consigo?
Segundo Kristin Neff, pesquisadora referência na área, podemos entender essa gentileza como uma atitude positiva direcionada a si mesmo. Ela é formada por três elementos: bondade consigo, senso de humanidade e mindfulness.

Para complementar o entendimento uma linda canção de Kell Smith - Seja Gentil





O TÊNIS HUMILDE E A *Mochila Vaidosa*

Luiz Gustavo da Nóbrega Alves

Em uma bela tarde na escola, uma mochila nova e bonita encontrou um tênis humilde. Riu e falou:

- Ha, ha, ha! Teria vergonha de ser você, um tênis pobre e acabado! Prefiro ser eu! Charmosa, cara e de marca.

Nesse momento, o tênis se sentiu humilhado e triste. Quando bateu o sino da escola, o dono da mochila pegou-a, mas, quando menos esperava, a mochila rasgou e não tinha conserto. A mochila ficou muito triste.

No dia seguinte, a mochila chegou e todos zombaram dela, exceto o tênis, porque era humilde. O tênis viu aquela cena e, inicialmente, ficou sem reação, mas, em seguida, deu-lhe um conselho:

- Todos somos iguais, não importa a aparência. Porém a mochila, como era vaidosa, não deu ouvidos.



No tempo da palmatória

Eunice Pereira da Silva

Recordo com carinho
a professora a citar:
- Vamos, minha gente,
nossa lição estudar!

Cartilha do ABC à mão,
convidados a lição realizar!
A professora olhava,
quem não sabia fazer,
com palmatória em mãos,
gemia o não saber!

Nunca fui à palmatória,
Tinha ajuda familiar,
minha mãe se dispunha
contente a me ensinar.

Recordo com carinho o livro
Companheiro e bem-querer.
Escalava histórias,
Aquilo era um prazer!
Fábulas, contos, poemas,
nos despertava pra ler!
Com o cotidiano aprendia
Feliz, a ler e escrever.

OUÇA+

Você também sente saudades dos
tempos de escola? Então curte essa
linda canção que deixa saudade!
O Caderno - Toquinho



[POEMA]



Professar

Eliziane de Oliveira Balduino

Sim, eu professo
Eu declaro
Eu confesso
Quão grande amor ter nessa vida
E na leitura tudo se explica
É um amor que me enobrece
Que se eu perco me endoidece
E que em tudo me favorece
A seguir voraz nessa lida.
Sim, eu admiro
Eu sou toda apaixonada
E admito

Que essa paixão me balança, me cola
Que me completa, me beija
Me adora
Que é inexorável em mim
Eu, ela : a leitura e a escola.
Sim, eu assumo,
Eu compartilho, declaro,
Eu me consumo
Desse prazer que me faz ser acolhedora.
Que me dá docência e decência
Me decora
Da minha arte do amor e do cuidar,
Sim, eu promovo a leitura!
Sim! Eu sou professora!!



Meu sonho é aprender

Jeanne Soares

Pedi a um aluno,
Para uma frase ler,
Seus olhos arregalaram,
E não conteve o sofrer.

Logo o procurei,
Para a situação entender.
Falou que tinha vergonha,
Mas não sabia ler.

Foi quando perguntei se gostaria
Desse caso resolver.
De imediato falou:
"O meu grande sonho,
É um dia aprender."

Não contive a emoção,
Peguei um jogo silábico,
Fui em busca da solução.
Palavras, frases e textos,
Fizeram parte dessa ação.

Todo dia tinha um espaço,
Para o encontro da lição.
Foi juntando pedaço com pedaço,
Despertando interesse e atenção.

Chegou o final do ano,
E o aluno despertou
Demonstrando diante da turma,
Que sua aflição acabou.

Pegou um livro em suas mãos,
E uma leitura pôs a fazer.
Foi aplaudido pela turma,
Por ter conseguido ler.

E chegou à conclusão,
Que tudo depende do querer.
A vida é uma grande escola,
Onde todos podem
Superar e vencer!

Jeanne Soares da Silva Dantas (Campina Grande, Paraíba) é professora formada em educação infantil e mediadora da sala de leitura no fundamental I. E-mail: Jeanne.profe@gmail.com

[POEMA]



Coisas de criança

Nathyele Thauane Basei

Como é bom ser criança
Poder se divertir
Correr, pular,
Dançar na chuva sem parar

Brincar de boneca,
Jogar bola
Com o dedo pintar
Tudo poder inventar

Com os amigos jogar
Rir e brincar
E a vida poder festejar!



A jornada melancólica do livro de filosofia

Keylla Shislanne Santiago dos Santos

EXPERIMENTE+

Viva uma nova
experiência lendo
esse conto ao som
de uma trilha sonora
fantástica.



[CONTO]

Acordei. Mais uma vez aquele espanador roça suas penas coloridas em meu corpo largo e passa rapidamente para outro livro. Abri os olhos e na penumbra, pude observar meus companheiros que ainda dormiam. Tentei em vão tornar a dormir, mas o barulho de páginas sendo folheadas em outra ala da biblioteca me impedia. Aquele barulho me fazia lembrar dos velhos tempos em que os livros de Filosofia eram não apenas lidos, mas também estudados.



Hoje, a ala de Filosofia não é sequer visitada, a não ser pelo espanador que passa por nós rapidamente. Olho novamente para meus companheiros sem compreender como nós, tão ricos em conhecimentos, podemos permanecer aqui, neste lugar onde a luz, advinda de uma pequena janela, não nos toca. Revolta-me ser esquecido! Justo eu, com minha espessa capa marrom, letras douradas em alto relevo e páginas repletas de pensamentos dos grandes filósofos da antiguidade: Sócrates, Platão, Aristóteles e tantos outros que foram igualmente esquecidos!

Choro ao perceber que minhas páginas, antes branquinhas, tornaram-se amarelas. Não o amarelo causado pelo manuseio constante dos leitores, mas o amarelo causado pelo descaso daqueles que agora só leem livros de ficção, pior ainda, só conhecem livros por meio de telas, privando-se dos prazeres indescritíveis de ter em suas mãos verdadeiros mapas de tesouros com seus cheiros, texturas e mistérios singulares a cada um.

Epa! Ouço passos se aproximando. Será que algum leitor quer aprofundar seus conhecimentos? Alçar saberes não disponíveis nas sínteses comuns de uma sociedade líquida? Será que serei o escolhido? A estante toda acorda atônita com o som dos passos que se tornaram mais fortes a cada instante. Meu coração dispara à medida que sinto os dedos percorrerem-me a capa. A emoção me domina quando sou retirado da estante e carregado para fora. Estreito os olhos devido à intensa claridade e agradeço silenciosamente às mãos que me seguram. De repente caí! Ou será que fui jogado? Minhas lágrimas de felicidade desandaram em tristeza quando a escuridão total me rodeou e eu percebo, arrasado, que fui jogado na lata do lixo.

Keylla Shislanne Santiago dos Santos. Licenciada em Letras pela UEPB e com especialização no Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica pela UFCG. Professora da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande há mais de 20 anos, no momento atuando como Mediadora de Leitura na Escola Santo Antônio 1, onde trabalha há 18 anos, desses 13 em sala de aula regular. Também trabalhei em escolas particulares e como professora contratada pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.

O dia que a vovó convenceu o lobo a não destruir livros

Rosângela Moraes Macedo

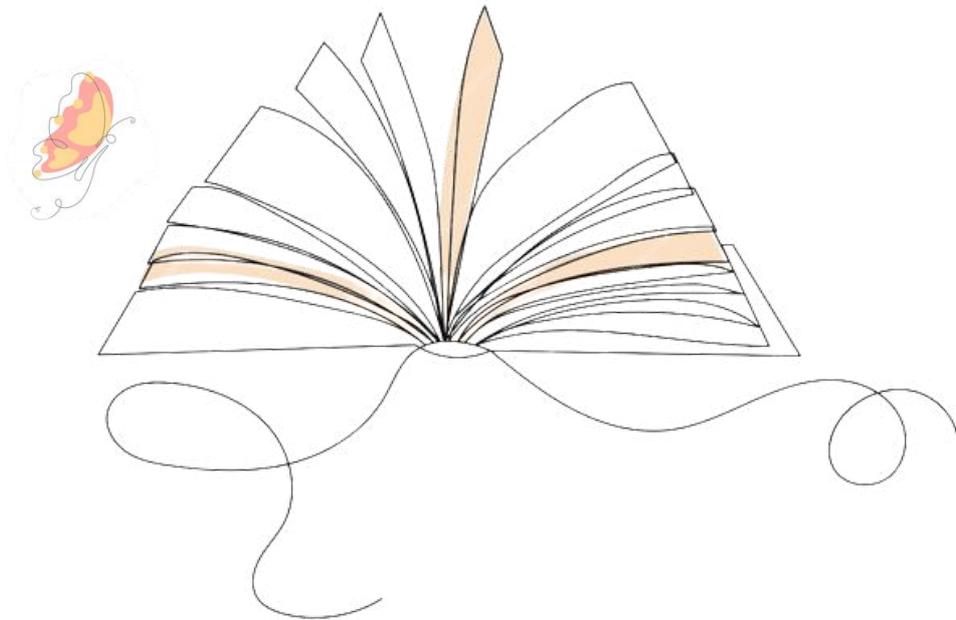
Havia o lobo que sempre foi um lobo do bem, mas estava sempre triste porque os autores só davam papéis de lobo mal nas historinhas. Ele sempre que encontrava um gibi ou livro de histórias infantis destruía com a boca grande que ele tem.

Um dia a vovó de uma outra história, parou um pouco e pensou... “esse lobo tem um jeitinho tão triste, será que posso ajudá-lo de alguma forma?” Pensou... Pensou, pensou até que teve uma ideia, vou conversar com o lobo.

De repente o lobo apareceu e a netinha disse: “vovó o lobo está la fora na varanda, mas por favor não vai lá”, calma minha netinha vou conversar com ele.

- Boa tarde, seu lobo!
- Boa só se for pra você!
- Como assim?
- Eu estava mesmo querendo falar com você seu lobo! Porque você destrói os livros?
- Eu não gosto dos papéis que dão para mim, sempre faço papel de mal nas historinhas, então toda vez que encontro um livro de historinha eu destruo. As crianças não gostam de mim e isso me deixa muito triste.
- Você sabe que você tem um papel importante na cadeia alimentar? E sem você pode haver um desequilíbrio na natureza?

[CONTO]

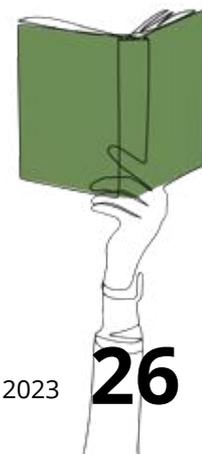


- Não! Nunca me falaram isso!
- Pois é, você é muito importante.
- AAAAAH! Isso tem nos livros?
- Sim, em livros científicos.
- Nossa e tem outros tipos de livros que não seja de faz de contas?
- Sim!!!! E acabo de ter uma ideia, por que ao invés de destruir os livros você não marca coisas importantes no livro?
- Como assim?
- Você poderia ser um marcador de livros, onde as pessoas que gostam de ler poderia, na hora que precisarem parar de ler por algum motivo te colocariam para marcar a página, você ao invés de usar sempre essa roupa marrom, usaria roupas coloridas e chamativas, tudo bem alegre.
- Eu amei a ideia!!!!

A partir desse dia o lobo do bem deixou de destruir livros e passou a marcar as páginas dos livros que ele encontrava e a vovó passou a ser sua melhor amiga.

DICA+

Queremos que nossos livros durem anos e anos, não é mesmo? Pensando nisso, separamos algumas dicas para ajudar a conservar seus livros por muitas gerações.



UMA PROFESSORA NADA PEDAGÓGICA

Sônia Dutra

Seu nome era Lindinalva, nem linda, nem alva; uma criatura magra e franzina, pele queimada de sol, rosto pequeno e lábios finos. Usava uma saia marrom ou preta bem comprida, blusa branca de cambraia com mangas e gola e sandalhinhas de sola combinando com um traje tão repetitivo, era esse o modelito, o qual ela usava para ministrar as aulas todos os dias, semanas, meses e anos.

Não se observava nenhuma beleza física que despertasse em seus alunos algo chamativo, pois seus óculos de lentes e armações douradas e uma 'marrafinha'¹ preta que prendia os ralos cabelos num coque redondo e demodê².

A escola funcionava na sala da casa da professora. A mesa era grande e velha com gavetas de madeira rústica e ficava ao pé de dois grandes janelões para clarear bem o recinto, pois a professora era portadora de miopia. Sobre a mesa, estava sempre um pequeno copo e dentro do mesmo havia apenas uma bolinha de vidro, pois cada aluno que desejasse se ausentar da sala, teria que levar consigo esse pequeno objeto que era como se fosse um pedido de 'licença'.

Havia ainda sobre a mesa, alguns cadernos antigos, uma 'caneta tinteiro' pois mesmo com o advento da caneta esferográfica, a professora preferia usar a mais antiga. Além do diário de classe, havia uma grande e pesada 'palmatória' que à época era um objeto de repressão aos alunos desobedientes e servia também para uma aula extra, ministrada sempre às sextas-feiras, a qual a professora chamava de 'argumento'.

ASSITA +

Matilda - O Musical

Matilda, uma garota extraordinária armada com uma mente afiada e uma imaginação vívida, ousa se posicionar contra seus pais opressores e a diretora de sua escola para mudar sua vida.

Um filme inspirador que fala sobre o verdadeiro papel da educação na vida das pessoas e reflete no quanto o ambiente escolar pode ser tóxico e aprisionador.



Havia também um quadro-negro e três grandes bancos de madeira maciça nos quais sentavam-se todos os alunos, por ser a classe multiseriada. No primeiro banco sentavam-se os alunos das séries iniciais e no segundo e terceiro bancos ficavam os alunos das séries mais avançadas.

Uma das alunas daquela escola se chamava Susaninha que era a filha caçula de uma família de sete. À época, Susaninha estava entre sete a oito anos e ela se dirigia diariamente à escola na companhia de seus dois irmãos maiores, após caminhar cerca de cinco quilômetros sob um sol causticante. Lá se reunia com mais cerca de trinta alunos advindos de todos os arredores da escola.

Aquele espaço educativo poderia até ser bom e divertido, mas para aquela menina, o ambiente parecia tenebroso, pois ela estava sempre frente a frente com a professora brava, intolerante, impaciente, ignorante e estressada, pois o grau de instrução da 'mestra' se resumia à quarta série do antigo ensino primário que nos dias atuais equivale ao quinto ano do ensino fundamental menor.

Aquela senhora se tornou professora com base no antigo ditado popular que diz: "em terra de cego quem tem um olho é rei". À época, os pais observavam naquela mulher, um modelo de professora exemplar para instruir seus filhos.

Então, na opinião particular de Susaninha, havia algo de negativo na relação professora e aluna, pois nas poucas tentativas de interação, o resultado jamais foi satisfatório, acabando em gritos com tons autoritários, pois o seu rosto mudava repentinamente de expressão facial, cujos óculos desciam até a ponta do nariz, sem contar com os olhos 'esbugalhados'.

Quando retornava da escola para casa, Susaninha procurava ler de tudo: bula de remédio, recortes de jornais e os comerciais escritos na revista 'Cruzeiro'; mas sua caligrafia de iniciante que de acordo com a mestra, a garotinha só fazia 'garranchos' (garatujas) e bem aborrecida pedia para a aluna não escrever mais, pois o que ela fazia muito bem era sujar e gastar papel.

Inconscientemente, a menina se perguntava: — como é que eu aprenderei se eu não praticar a escrita? O pai da menina era um homem letrado e um profundo conhecedor de geografia e geopolítica.

Sempre mostrava o atlas geográfico, no qual se podia observar os mapas das três Américas e demais continentes, na tentativa de ampliar os conhecimentos gerais dos filhos.

O ano era 1971, o país amargava os tenebrosos anos de chumbo. A influência da ditadura militar estava presente em todos os discursos, coincidência ou não, na prática, as crianças, sofriam inconscientemente a tortura da palmatória no ambiente escolar.

Foi num dia quente de uma sexta-feira à tarde, um dia fatídico, marcou para sempre a vida escolar de Susaninha, pois a professora de imediato surpreendeu seus alunos com um tal de 'argumento' e sem distinguir os alunos menores dos maiores foi logo apresentando uma tabuada oral, mesmo que os alunos não a conhecesse. A regra era: quem respondesse equivocadamente a primeira pergunta, seria castigado duramente pelo aluno que acertou a questão com a tortura da famosa palmatória.

Então a professora se dirigiu a Susaninha fazendo-lhe uma pergunta de subtração. Nesse momento, Susaninha ficou perplexa e pavorosa, tamanho era o seu medo por demorar a responder. Imediatamente, seu colega de terceiro ano respondeu corretamente a questão; foi então que se deu início à sessão de espancamento, pois o aluno era bastante forte, além de a professora incentivar o discurso de ódio com ameaças e gritos estridentes, dizendo: “[...] se o aluno não batesse forte, ela mesma bateria com bastante força nos dois”, que momento tenebroso!

Susaninha, nesse momento pensou em fugir ou se esconder, porém o medo da megera ainda era maior, porque até mesmo pelo seu olhar ameaçador, percebia claramente o seu prazer ao aplicar aquela prática nada pedagógica, mas para os pais, aquilo fazia parte do processo e não havia nenhuma escapatória e tampouco a quem recorrer. Para resumir, Susaninha não fazia ideia de quantas pancadas sofreu naquela tarde tão infeliz. O certo, é que Deus veio em seu socorro e algo pior não aconteceu, sobretudo porque atualmente as suas mãos poderiam estar amputadas. No dia seguinte daquele infortúnio, suas mãos se encontravam quase em processo de necrose, devido a tanta ignorância, sequer Susaninha conseguia abrir e fechar as delicadas mãozinhas. Devido ao trauma psicológico sofrido por Susaninha, a sua mente ficou quase que bloqueada para a disciplina de matemática. O restante de sua vida escolar foi de grande sofrimento.

Aqueles longos três anos duraram uma eternidade e mesmo com todo aquele terrorismo psicológico, Susaninha cotidianamente jamais deixou de se fazer presente à sala de aula, ou seja, jamais desistiu de estudar.



O lado bom é que depois de todo esse sofrimento e tortura, Susaninha foi morar na cidade e lá se matriculou numa nova escola, onde conheceu fabulosos e compreensivos professores que repassaram seus conhecimentos aplicando a correta didática pedagógica por um período de um ano. Então, D. Linda ficou apenas como uma triste recordação.

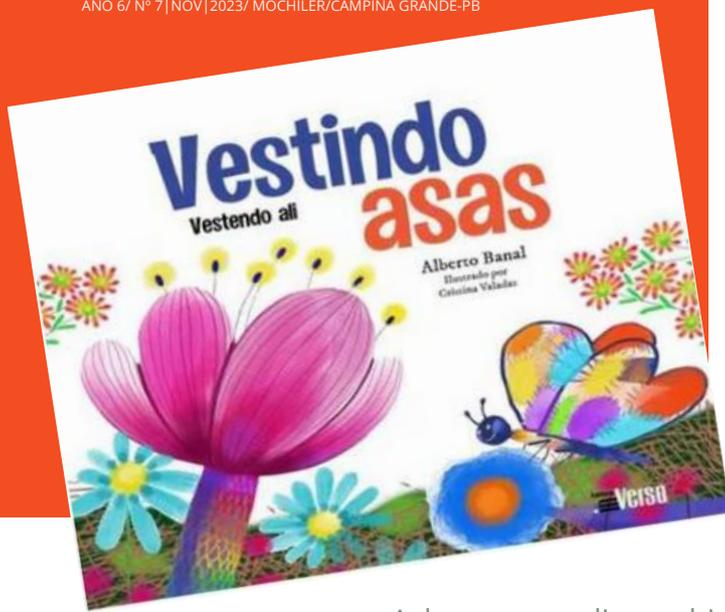
Dando continuidade aos estudos, Susaninha cursou a universidade, fez vários cursos, fez pós-graduação e nesse ínterim, tornou-se uma excelente professora, conforme havia prometido na sua infância que recuperaria a autoestima outrora perdida, pelos apontamentos de uma professora despreparada, incompetente e insensível.

Para finalizar a narrativa, grandes foram os prejuízos devido aos traumas sofridos na tenra infância. Para tal, Susaninha precisou passar por tratamento psicológico para reaprender a lidar com os seus medos, todos os seus complexos de inferioridade e até mesmo a claustrofobia. Todos esses medos foram superados pelo milagre da vida pedagógica. Susaninha se dedicou à Pedagogia, entendendo na simplicidade de cada criança e fazendo comparações da criança que foi um dia.

LEIA +

A educação humanizada prioriza as necessidades e interesses individuais dos estudantes, buscando fomentar o aprimoramento de suas aptidões acadêmicas, sociais e emocionais.





Vestindo Asas

Tainá Barbosa Alves

EU QUERO

Vestindo asas: Vestendo ali

A festa das cores, na primavera, inaugura um tempo de alegria e renascimento, de vida nova para as pupas naquela montanha. Cada borboleta sabe de tudo que precisou enfrentar para estar ali, batendo suas imensas asas. A força e a resistência das borboletas vêm de todo o processo pelo qual elas passam durante a metamorfose.



Acho que que li essa história no momento certo, ano que vem vou para o ensino médio (estou me tornando borboleta). Depois de tanto tempo na mesma escola com os mesmos amigos, é difícil, queria ser pupa pra sempre, mas não posso, tenho que vestir minhas asas; todos nós temos medo do futuro. Algumas vezes, já me peguei perguntando: E se eu voar e cair?

Mas é como eu já disse, não posso ser pupa pra sempre. Tudo que eu vivi aqui vai ser uma memória inconsolável e um dia vai se tornar história pra os meus filhos, netos e sobrinhos. Agradeço muito ao autor, enquanto lia, meus olhos se encheram de lágrimas.

As ilustrações são extremamente nostálgicas. A história pode ser aplicada em vários momentos das nossas vidas, pois estamos sempre passando por mudanças. Histórias assim são muito importantes, principalmente para as crianças que não sabem lidar com certas situações.

Espero que o autor tenha o reconhecimento que merece, a história é incrível, as ilustrações são incríveis, tudo é maravilhoso.

Obrigado, Alberto Banal, por fazer esta obra-prima e por encorajar a mim e a outros leitores a vestirem asas.

Tainá Barbosa Alve. Aluna do 9º ano A – 2022 – Escola Ceai Dr. Elpídio de Almeida, Campina Grande, PB.



Alberto Banal, doutor em filosofia pela Universidade degli Studi de Milão e jornalista italiano, desde que se aposentou em 2006, passa a maior parte do tempo na Paraíba apoiando a luta pelos direitos do povo quilombola do estado.



“A infância e sua singularidade”

DE SONIA KRAMER

Patrício de Albuquerque Vieira

[RESENHA]





SAIBA +

Philippe Ariès, importante historiador e medievalista francês da família e infância.

Ele é conhecido sobretudo por seu livro *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime* (1960), que no Brasil tem uma versão resumida (baseada na versão francesa abreviada de 1973) intitulado como *História Social da Criança e da Família*. Este livro ocupa lugar de destaque na história da infância, uma vez que foi essencialmente a primeira obra a tratar do assunto de forma abrangente.



A

multiplicidade de desafios da educação infantil é tema de estudos de diversos pesquisadores brasileiros. Dentre eles, destaca-se o trabalho da professora Sonia Kramer, a qual se dedica ao processo de aprendizagem da criança. Em seu texto "A infância e sua singularidade", a autora tem por objetivo discutir a infância, a escola e os desafios atuais do ensino infantil e do ensino fundamental de nove anos. Inicialmente, a infância é compreendida a partir de duas perspectivas: 1. categoria social e categoria histórica e 2. período da história de cada um, do nascimento aos dez anos de idade. Para tanto, Kramer divide o artigo em cinco seções, a saber:

- a) Infância, história e cultura contemporânea;
- b) As crianças e a cultura infantil;
- c) Crianças e adultos: identidade, diversidade e autoridade em risco?;
- d) Direito das crianças, educação infantil e ensino fundamental: desafios;
- e) O tempo da infância é o tempo de aprender e... de aprender com as crianças.

Na primeira parte do texto, a autora, com base nos estudos do historiador francês Philippe Ariès, nos anos 1970, enfatiza que as visões sobre a infância são construídas social e historicamente e que a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, ao passo que a inserção e o papel social das crianças sofriam transformações no espaço onde viviam. Tal quadro aponta para a necessidade de se compreender a condição e a natureza histórica e social das crianças e de apropriar-se de pesquisas relacionadas aos diferentes contextos e diversidades do mundo infantil. Os estudos do sociólogo francês Bernard Charlot também são citados por Kramer como importante fonte de informação sobre o significado ideológico da criança e o valor social atribuído à infância, entendendo que a dependência do ser criança em relação ao adulto é um fato social e não natural e que a distribuição desigual de poder entre eles resulta no controle e na dominação de grupos. Nesse contexto, para uma melhor compreensão do mundo infantil, conhecimentos advindos da Antropologia e da Sociologia, como também os pressupostos teóricos de Vygotsky e Wallon em diálogo com o pensamento de Piaget, formam um material indispensável para os avanços dos estudos da infância.





...só “existe uma história humana porque o homem tem infância”

(KRAMER, 2003, p. 197).

A pesquisadora salienta ainda que “numa sociedade desigual, as crianças desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes” (KRAMER, 2003, p. 196-197). Nesse sentido, a ideia de criança deve considerar os diversos aspectos sociais, culturais e políticos, não se restringindo à idade e à dependência do adulto. Na modernidade, são perceptíveis dois modos de ver o público infantil: o primeiro diz respeito à moralização (condução e controle do comportamento da criança), enquanto o segundo refere-se ao ato de paparicar (manter a criança como ser ingênuo e puro). O que não se pode esquecer é o fato de que as crianças são sujeitos sociais e históricos, assinalados pelas contradições das sociedades nas quais estão inseridas. Diferentemente dos adultos, as crianças imaginam, fantasiam, criam, brincam e produzem cultura e nela são produzidas. O ato de brincar caracteriza a criança e este direito não pode ser negado a ela, pois só “existe uma história humana porque o homem tem infância” (KRAMER, 2003, p. 197). Em suma, não há criança sem brincadeiras, pois estas constroem a cultura infantil, possibilitando as interações e combinações no seio social.



Já na segunda parte do texto, a autora enfatiza as contribuições de Walter Benjamin relacionadas às ações infantis, tendo em vista que tal pesquisador expressa uma visão muito peculiar da infância e da cultura pueril. Da obra de Benjamin, Kramer seleciona quatro eixos para enriquecer sua reflexão acerca da singularidade da criança. O primeiro eixo – A criança cria cultura, brinca e nisso reside sua singularidade – destaca o conceito de cultura infantil, qual seja, produção e criação: “As crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo)” (KRAMER, 2003, p. 198). É notável a preocupação de Kramer no que se refere às condições de produção da cultura infantil e das propostas curriculares que garantam o direito de criar e a interação entre as crianças. Assim sendo, há uma crítica à pedagogização da infância, evidenciando-se a valorização e o potencial da brincadeira como experiência de cultura. O segundo eixo – A criança é colecionadora, dá sentido ao mundo, produz história – compara a criança a um colecionador, uma vez que ela busca, caça, perde, encontra e separa objetos de seus contextos e da função utilitária. Além disto, as crianças constroem suas próprias histórias e, ao acionarem a memória, vão desvelando a narrativa de história.

LEIA+

Brincadeiras musicais e cantadas: possibilidades e sugestões para a Educação Infantil



Por sua vez, o terceiro eixo – A criança subverte a ordem e estabelece uma relação crítica com a tradição – sinaliza para a relevância de se olhar o mundo a partir do ponto de vista da criança, destacando-se o papel do cinema, da fotografia e das diversidades de imagens, isto é, da cultura visual, a fim de construir o olhar infantil, sensível e crítico. Assim, faz-se necessário conhecer a infância e as crianças para que o humano permaneça como o sujeito crítico da história que cotidianamente produz, aprendendo com elas nos seus contextos e nas práticas educativas. Por fim, o último eixo – A criança pertence a uma classe social – ressalta que as brincadeiras realizadas pelos meninos e pelas meninas denunciam o seu pertencimento a um determinado grupo, ou seja, elas não pertencem a uma comunidade isolada, pois expressam costumes, valores, hábitos, práticas sociais e experiências adquiridas no seu grupo, por isso precisamos reconhecer a diversidade cultural e combater a desigualdade de condições e a situação de pobreza através de políticas públicas que garantam equidade, justiça social, dignidade, afeto, conhecimento e brincadeira às crianças.

Vale informar que na terceira parte do texto, Kramer discute problemas sociais da contemporaneidade, como a violência praticada contra/por crianças e a reação dos adultos e a perda da autoridade, que exigem o repensar do papel desempenhado nos âmbitos educativos, a fim de que as crianças e os jovens se apropriem de valores éticos e do espírito de solidariedade.

Ao citar Benjamin (1987), a autora afirma que a autoridade se manifesta por meio da experiência e que a narrativa de vida é crucial para construir o sentido de coletividade, em que todos aprendem a exercer o seu papel, desfazendo a ideia de que para uma criança ocupar um lugar, o adulto precisa antes desocupá-lo. Todavia, é preciso que se estabeleçam regras, posicionar-se frente às crianças com equilíbrio, diálogo e autoridade, preservando os direitos delas, pois “em contextos que não há garantia de direitos, acentuam-se a desigualdade e a injustiça social e as crianças enfrentam situações além de seu nível de compreensão, convivem com problemas além do que seu conhecimento e experiência permitem entender” (KRAMER, 2003, p. 201). Nessa direção, o público adulto precisa apresentar soluções para enfrentar as questões relacionadas à identidade e à diversidade, ressignificando seu papel social na coletividade, sem perder a autoridade.



...crianças enfrentam situações além de seu nível de compreensão, convivem com problemas além do que seu conhecimento e experiência permitem entender”
(KRAMER, 2003, p. 201)

A quarta seção do artigo, por sua vez, reflete acerca dos desafios da educação infantil e do ensino fundamental diante da formação cultural das crianças. A autora traz à tona o pensamento de Paulo Freire quando este estudioso enfatiza que é papel de cada instituição de ensino proporcionar o conhecimento científico e a cultura como produção historicamente acumulada presente nas diversas artes, estabelecendo a não separação entre a educação infantil e o ensino fundamental, separação esta feita pelos adultos. Ou seja: no ensino, a experiência deve estar articulada à cultura. Segundo Kramer (2003), os grandes desafios atuais consistem em assegurar os direitos das crianças, pensar a creche, a pré-escola e a escola como espaços de formação cultural e encarar as crianças como sujeitos sociais que produzem história e cultura. Nesse contexto, a inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental também surge como um desafio a ser superado para que não ocorra a segregação e a descontinuidade da educação infantil, mas sim, um diálogo entre essas etapas de ensino.

[RESENHA]

OUÇA

Viva uma nova experiência lendo esse conto ao som de uma trilha sonora fantástica.



Finalmente, a última parte do texto ora resenhado coloca em xeque a relevância do respeito às diferenças e do combate à indiferença e à desigualdade. Em uma sociedade multicultural e globalizada, cabe à escola promover um currículo que se posicione contra o trabalho infantil e assegure o direito da criança à cultura e às suas necessidades básicas, levando-a ao reconhecimento do outro com suas várias diferenças e promovendo as relações sociais, uma vez que “sem conhecer as interações, não há como educar crianças e jovens numa perspectiva de humanização necessária para subsidiar políticas públicas e práticas educativas solidárias entre crianças, jovens e adultos” (KRAMER, 2003, p. 203). Para tanto, novos desafios se fazem presentes na esfera educacional e para que sejam enfrentados são necessárias condições melhores de trabalho e ações coletivas em busca de um futuro melhor.



LEIA O TEXTO ORIGINAL

A infância e sua singularidade - Sônia Krâmer

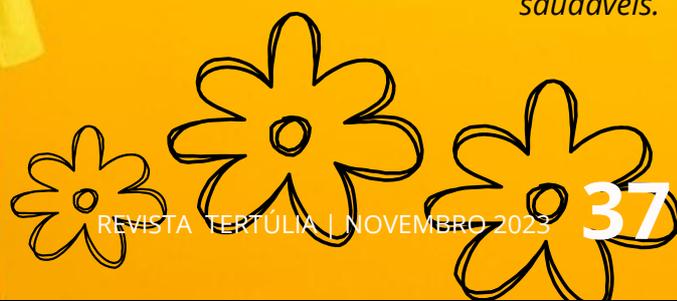
Com rigor científico e linguagem simples, Kramer evidencia os diversos desafios enfrentados pela escola para garantir o direito das crianças (e de todos!) construírem o conhecimento e dele se apropriarem criticamente. Não obstante as adversidades presentes nas instituições de ensino, o direito à cultura também deve ser assegurado para que as crianças se tornem cidadãs participativas e tenham sua infância reconhecida/valorizada, garantindo o poder da imaginação, a fantasia, a criação e a brincadeira, pois somente assim teremos crianças felizes e saudáveis.

Finalmente, o texto "A infância e sua singularidade", de Sonia Kramer, apresenta-se como um convite à reflexão sobre as condições e os direitos de aprendizagem das crianças, das particularidades que caracterizam o universo infantil e da importância da humanização de práticas educativas, visto que a autora mostra, com muita clareza, os grandes desafios e as dificuldades da educação voltada para as crianças no cenário contemporâneo.

[RESENHA]

“

... o direito à cultura também deve ser assegurado para que as crianças se tornem cidadãs participativas e tenham sua infância reconhecida/valorizada, garantindo o poder da imaginação, a fantasia, a criação e a brincadeira, pois somente assim teremos crianças felizes e saudáveis.



É TEA. E AGORA?

COMO TRANSFORMAR A ANGÚSTIA FAMILIAR EM APRENDIZADO NO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO?

Patrícia Ferreira Nóbrega

Pedagoga formada pela Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2013, como toda formanda, saímos da universidade cheia de planos e muitas expectativas. Continuar estudando era uma das nossas metas. Principalmente pela vertente da Educação Inclusiva. Infelizmente nosso trabalho de conclusão não pode ser feito nessa área, pois a orientadora engravidou e como sua gravidez era de risco, tivemos que mudar de orientador e de tema.

Todavia, nosso coração estava totalmente voltado ao tema. Continuamos nossa formação com a primeira pós-graduação. Queríamos iniciar com Psicopedagogia, porém, naquele momento, só ofereciam Supervisão e Orientação Escolar, o que se tornou de grande valia mais tarde, pois passamos a coordenar duas escolas privadas.

Isso nos trouxe mais maturidade e experiência.

Uma das escolas tinha duas crianças com a síndrome de down e uma com autismo. O que nos exigiu mais estudo e adaptações. Na mesma época, ingressamos em nossa segunda pós-graduação, dessa vez em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Quando concluímos em 2018, nos apareceu um caso de uma criança com ecolalia e algumas estereotípicas.

Avaliamos e encaminhamos para consulta com uma fonoaudióloga e foi levantada a hipótese de TEA.

Assim esse universo nos ficou cada vez mais conhecido. Diante disso, nos sobreveio o desejo de fazer uma terceira pós-graduação. Dessa vez em Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Todavia, nos tornamos avós em julho de 2019. Com isso, adiamos para o ano de 2020, mas entramos em pandemia. A convivência com o nosso pequeno aumentou.



Uma das escolas tinha duas crianças com a síndrome de down e uma com autismo. O que nos exigiu mais estudo e adaptações.





“ Apesar de todo conhecimento e experiência, enxergar e aceitar algo diferente em nosso meio familiar é bem difícil.

Aos cinco meses de idade ele e nossa filha passou a morar conosco devido à separação de seus pais. Com aproximadamente 01 ano, ele passou a apresentar terror noturno. Até então, não sabíamos de que se tratava. Nossa filha passou a observar algumas características diferentes, inclusive comentava conosco, porém, sempre afirmávamos que fazia parte do desenvolvimento, que aqueles comportamentos eram naturais.

Apesar de todo conhecimento e experiência, enxergar e aceitar algo diferente em nosso meio familiar é bem difícil. Reconhecer a deficiência no outro quando não há ligação afetiva é muito mais fácil. A insistência da minha filha lhe levou a um primeiro profissional que descartou qualquer diagnóstico. Infelizmente ainda não há tanto conhecimento assim no meio dos profissionais de saúde quanto ao TEA.

Por fim, ao persistirem as estereotípias, seletividade alimentar, terror noturno e falta de interesse social, levamos a um outro profissional que confirmou nossas suspeitas. Era realmente TEA. Ele agora estava com dois anos. Os primeiros passos foram tomados - ir com o laudo médico em busca de autorização do plano de saúde para iniciar as terapias. Iniciar a medicação, informar a escola, comunicar a família, entre outras coisas.



[RELATO DE EXPERIÊNCIA]

SAIBA+

A arte-educação na inclusão de criança com transtorno do espectro autista (TEA)





Apesar de todo conhecimento e experiência, enxergar e aceitar algo diferente em nosso meio familiar é bem difícil.

Após esse momento veio o que chamamos de “LUTO” - a consciência do que seria da vida dele e da nossa do diagnóstico em diante. Período de choro, angústia, tristeza e grandes indagações. Após 15 dias, as terapias foram autorizadas e iniciamos o processo. Hoje ele está com 04 anos e as melhoras são significativas.

Minha filha conta com nossa rede de apoio e apesar de muito jovem é uma mãe dedicada, responsável e muito presente. Como fisioterapeuta, o estimula de inúmeras maneiras. Enquanto isso, estamos concluindo nossa terceira pós-graduação. Dessa vez em Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista e Atraso do Desenvolvimento. Também atuamos em um Centro Especializado de Aprendizagem. Com isso, ajudamos com nossa avaliação a levantar hipóteses que auxiliarão os profissionais de saúde a chegarem a um diagnóstico mais preciso. O nosso A.J.M.N.M está em pleno desenvolvimento e nós estamos certos de que somos privilegiados por poder cuidar de alguém tão especial!

ASSITA

16 filmes e séries
para conhecer e
entender o autismo



LEITURA COMO RESISTÊNCIA AO CAOS

Maria José da Silva

SAIBA+

10 dicas para
incentivar a leitura
na educação infantil
10 dicas para
incentivar a leitura
na educação infantil



Sou professora com Licenciatura Plena em Pedagogia, Especialização em Formação do Educador e Ensino Profissionalizante na Educação de Jovens e Adultos, atualmente atuando como mediadora da Sala de Leitura, dentre outras funções didático-pedagógicas. Mas, é na Sala de Leitura que estou procurando promover intervenções voltadas à leitura para formação de um aluno-leitor que compreenda a importância do ato de ler e desenvolva competências leitoras, adquirindo autonomia na conquista de suas aspirações e, sobretudo, se entenda como um sujeito crítico e reflexivo, que passa a compreender as relações no mundo e a exercer a sua cidadania de modo intencional e crítico. O ato de ler é um ato libertador (FREIRE, 2001)¹

Cidadania, é pois, um exercício pleno de direitos e deveres, no caso da escola, o direitos de aprendizagem. Assim, o desenvolvimento de habilidades e competências são fundamentais para a garantia da cidadania das pessoas.



1.FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 42.ed. São Paulo: Cortez, 2001.87 p.

Nessa perspectiva, como mediadora de Sala de Leitura, procuro junto com os professores e toda equipe gestora da escola, garantir aos alunos uma vivência de leitura que auxilie na garantia de seus direitos. No exercício prático do trabalho, procuro fazer da leitura um espaço da democratização e dinamizo para todo espaço da escola, o ambiente de leitura. Acontecem leituras na sala regular, debaixo de árvores, no pátio e vamos dinamizando os espaços de acordo com as necessidades.

Ainda, procuro estabelecer vínculos com às temáticas que norteiam o trabalho pedagógico dos professores com ações em parceria nas salas regulares, fomentando leituras que auxiliam às crianças na formação de valores. E, também procuro contribuir na intervenção de ações para a conquista da alfabetização dos nossos alunos.

Dentre às ações práticas está a contação de histórias, empréstimo de livros, encontro para escuta, debates, participação em todos os eventos da escola. Isso aponta para a pluralidade do papel do mediador de leitura na escola, um trabalho feito com muitos e para todos, cujo objetivo é expandir as práticas de leitura e despertar a visão de leitura além do ler para apenas codificar símbolos e letras.

Um pensamento célebre de Morteiro Lobato evidencia que um país se faz com homens e livros, destacando a importância de se investir em práticas leitoras, especialmente em um país como o Brasil, de lacunas intensas de incompetência leitora.

AFETO, ACOLHIMENTO E APRENDIZAGEM

Ângela Karina Belarmino Silva Brito



[RELATO DE EXPERIÊNCIA]



Todos os conhecimentos adquiridos ao longo da minha trajetória na Educação, alicerçaram a minha prática clínica, isso eu devo reconhecer. Eu conhecia este público, existia o forte desejo de acolher, de contribuir. E aqui eu me emociono...

Atuo na Educação há mais de dez anos, e ao longo desse tempo, surgiram muitos desafios, nos quais me impulsionaram a buscar conhecimento e capacitação.

Conectando teoria à prática. Visto que, uma complementa a outra e ambas se fundamentam. Assim, cursei Neuropsicopedagogia, inicialmente, para aperfeiçoar minha prática com as crianças neurodivergentes, público que a cada ano cresce nas Escolas.

Os conhecimentos adquiridos na pós-graduação contribuíram na minha formação profissional. No entanto, apesar do meu desejo de intervir de maneira adequada e atender às necessidades específicas, era quase impossível atingir o ideal, considerando todos os percalços que o professor enfrenta no seu cotidiano, na sala de aula.

SAIBA +
Lei Berenice Piana
(nº 12.764/12)



Foi quando surgiu a oportunidade de atuar na área clínica com um público de crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, diagnosticadas com TDAH e AUTISMO. De imediato, essa possibilidade me atraiu, logo, pensei na chance de crescer profissionalmente, de novamente unir teoria à prática. E sem exitar, aceitei e iniciei as intervenções psicopedagógicas. Seguindo todos os passos para avaliar e medir o nível de atraso no qual se encontrava cada criança, utilizando os testes e protocolos indicados.

Todos os conhecimentos adquiridos ao longo da minha trajetória na Educação, alicerçaram a minha prática clínica, isso eu devo reconhecer. Eu conhecia este público, existia o forte desejo de acolher, de contribuir. E aqui eu me emociono... Pois na verdade, eles me acolheram, me ensinaram e ensinam todos os dias. E a prática mais uma vez complementou a teoria. Dessa vez, me fazendo imergir no mundo atípico por inteiro, enxergando suas potencialidades e particularidades. Construindo-me como profissional, mais principalmente, como SER HUMANO!

Me recordo de uma família, que recebi nos primeiros dias na clínica, que durante a sessão aplicando a anamnese eles se mostraram desestimulados, desmotivados e cansados. Relataram uma vida pautada na luta por garantia de direitos da filha, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (CID F84.0), idade de seis anos, aluna de uma Escola Pública da cidade de Bananeiras - PB, filha de professores. A família viajava cerca de três horas para que a filha realizasse as terapias indicadas pela neuropediatra, dentre elas as sessões com a psicopedagoga.

Quando questionado sobre as experiências que haviam tido nas escolas nas quais a filha já havia estudado, eles disseram: “Minha filha ama a escola, sente falta quando não tem aula. É um problema lidar com o período das férias, ela é querida por todos, do porteiro à diretora”. E depois, de um suspiro, desabafou: “Mas nós não percebemos avanços na sua aprendizagem” “Ela não sabe de nada”!

Assim, suas maiores expectativas é ver a filha escrevendo o nome. Naquele momento, permanecemos em silêncio e no meu pensamento, diante daquele relato e de tudo que eu havia escutado, ecoava uma voz que dizia: “Todo indivíduo aprende” (CAMPOS, 1987). Cabe aqui uma série de reflexão a qual prefiro não me deter agora.

Para finalizar, eu expresso meu maior sentimento que é contribuir com a alfabetização de crianças autistas, um desafio potencializado no cotidiano escolar. Contudo, possível de ser atravessado, aliado a uma rede de apoio que envolva professores, famílias e uma equipe transdisciplinar.

E sim, posso afirmar, é possível!

REFERÊNCIA: CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1987

“

“... meu maior sentimento que é contribuir com a alfabetização de crianças autistas, um desafio potencializado no cotidiano escolar.”



CRIMES CONTRA A HONRA



AS PRÁTICAS LEITORAS PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES

Bruna Kelli de Morais



vivências significativas consideram que as crianças são capazes de ter uma “voz” na escrita.

A Educação Infantil em escolas do campo se faz num cotidiano de partilha de experiências e possibilidades de aprendizagens múltiplas. Em se tratando das práticas de leitura e escrita nessa etapa da educação básica, é importante promover ações que potencializem a participação das crianças na cultura letrada, ampliando seus repertórios de linguagem enquanto sujeitos singulares e pertencentes a um grupo social.

Os processos de letramento desde a Educação Infantil se diferenciam das práticas passadas, como colocar as crianças pequenas sentadas em cadeiras escolares para copiar letras e/ou preencher fichas de atividades descontextualizadas, ou sem aproximação com as práticas sociais da leitura. No entanto, vivências significativas consideram que as crianças são capazes de ter uma “voz” na escrita. Que aprendem por meio de percursos particulares e podem expressar seus pensamentos singulares sobre a língua escrita.

É nessa perspectiva que vivenciamos as práticas de leitura e escrita com as crianças das turmas de Educação Infantil das Escolas Municipais Almirante Tamandaré e Antônio Telha, localizadas na zona rural de Campina Grande – PB. Nestes espaços de aprendizagens, buscamos favorecer o contato verdadeiro com as situações de leitura e a escrita para todas as crianças por meio de experiências frequentes.



[RELATO DE EXPERIÊNCIA]


Dentre elas:

- 
- 
- 
- citamos a leitura de textos diversos literários e não literários;
 - falar e ouvir, potencializando suas participações na cultura oral, via escuta de histórias, em conversas e narrativas elaboradas individualmente ou em grupo;
 - propostas de escrita espontânea; registro do nome em seus pertences, desenhos e outras produções; escrita de um bilhete para as famílias tendo o professor como escriba;
 - registro do passo a passo de receitas como a deliciosa salada de frutas e bolo que experimentamos em grupo;



Consideramos, assim, que as interações aqui relatadas contribuem com a ampliação do uso social da leitura e escrita desde a Educação Infantil.

- anotações de informações sobre a pesquisa realizada sobre bichinhos de jardim; participação em momentos qualitativos de escuta de leituras realizadas pelas professoras ou alunos maiores, bem como de diálogos sobre o que foi lido, procurando expressar o que sentiu, de quais textos se lembrou, o que achou do final de uma história ou do estilo de escrita de um determinado autor; partilhas sobre outras visões do mesmo texto lido;
- rodas de indicações literárias, sugerindo leituras para colegas, que leve livros com frequência para casa, a fim de ler com seus familiares.

A LEITURA COMO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Patrícia Oliveira e Silva
(Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB)



[RELATO DE EXPERIÊNCIA]

A leitura é essencial para o desenvolvimento do ser humano. Por meio dela, o indivíduo adquire conhecimento de mundo, que contribui para o seu desempenho escolar em relação ao raciocínio e à criatividade. Por isso, é essencial que a escola proporcione aos estudantes momentos de leitura diversificada para que os mesmos desenvolvam gosto pela leitura, o hábito e a fluência em leitura. “A leitura não pode ser vista como imposição ou como obrigação, e sim como ato mágico. É preciso que a criança leia o que gosta” (FREIRE, 2000).

Na perspectiva em que trabalho, como mediadora de sala de leitura, voltamos nosso “olhar” para formação de leitores em parceria com os professores da escola e organizando este espaço como parte “viva” da escola, funcional e de visitação contínua. A leitura é trabalhada de modo dialógico, com planejamento e intencionalidade. Nosso escopo é que as crianças e jovens sintam prazer pelo ato de ler e desenvolvam o gosto, a partir de suas próprias experiências leitoras.

A escola tem a pretensão de contribuir para que a formação de alunos leitores e escritores, se tornem críticos e participativos, contribuindo para a mudança e o posicionamento em seus contextos, capazes de interagir em sua realidade na condição de cidadãos conscientes de sua atuação na sociedade, entendida como pré-condição do exercício da cidadania. Assim, desejamos por meio desse trabalho, possibilitar aos alunos o entendimento sobre a relevância de um trabalho consciente com a leitura e a escrita.

Diante da preocupação da escola com o desenvolvimento do conhecimento, é indispensável que as práticas de leitura assumam, desde cedo, ainda na infância, papel fundamental na formação de leitores, estimulando a leitura de tal forma que seja algo prazeroso e não obrigatório, aguçar o imaginário e, dessa forma, ampliar as experiências leitoras dos alunos.

ONDE ANDARÃO OS LEITORES? REFLEXÕES PRÁTICAS E TEÓRICAS EMBASADAS NA LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Paula Sabrina Barbosa de Albuquerque

“Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade”. (Rouxel)

Final do século XX, eis que surge a seguinte indagação: escolarizar a literatura ou “literaturizar” a escola? Esta traz mudanças significativas nas práticas de leitura vivenciadas no ambiente escolar. Convocar o sujeito leitor para o cenário literário implica transformações no fazer pedagógico, ou melhor, implica uma nova concepção de leitor.

Pensando nisso, a pesquisa intitulada “AONDE ANDARÃO OS LEITORES? Reflexões práticas e teóricas embasadas na cultura literária em sala de aula” nasce de nossa vivência docente – com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada do município de Campina Grande/PB – e, conseqüentemente, dos nossos anseios quanto à formação de leitores ativos e críticos.

Nosso objetivo do estudo é analisar as práticas de leitura literária, no contexto escolar, evidenciando aspectos peculiares à recepção dos textos por parte dos alunos.

Ou seja, como o meu aluno recebe os textos? Quais fatores interferem nesse processo? Há uma relação dialógica? Os estudos embasados na Estética da Recepção fomentam o sentido da leitura literária no momento em que as experiências trazidas pela obra e pelo leitor se cruzam e geram uma fusão de significados.

Nas últimas décadas tem havido uma intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica às práticas escolares de leitura literária. Afinal, qual é o papel da literatura na educação? Como efetivar a formação de leitores nas escolas? Quais caminhos literários estão sendo trilhados? Essas e outras indagações buscaremos refletir e tecer nas linhas descritas a seguir.

Diante dos relatos descritos anteriormente, é possível evidenciarmos a relação dialética entre texto e leitor. Uma vez que vem sendo proposta uma mudança de paradigmas, migrando do “leitor modelo” para o “sujeito leitor”.

A experiência estética, que é resposta do sujeito leitor às solicitações da obra lida, pode igualmente ser apreciada a partir das metamorfoses que o leitor imprime ao texto, tornando-o seu. Durante a leitura, o leitor se apropria do texto: ele o reconfigura à sua imagem, completando-o com elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura ou, inversamente, deixando-lhe lacunas, apagando tal aspecto que não atraiu muito a sua atenção. (Rouxel, 2014:23)

Como palavras finais, colocamos em evidência a cultura de leituras ainda presente nas escolas e o nosso “grito de clamor” para que profissionais responsáveis pela formação de leitores estejam abertos à nova concepção de leitor que vem sendo refletida por muitos pesquisadores. Uma concepção em que o leitor passa a ter vez e voz nas práticas de leituras oportunizadas no ambiente escolar.



Referências

- BAKHTIN, M.. Estética da criação verbal. Trad.: M.E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KLEIMAN, A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2002.
- PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia et. al. (orgs.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013, p.17-33.
- TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: Leitura de literatura na escola. Dalvi, Maria Amélia; Rezende, Neide Luzia; Jover-Foleiros, Rita (orgs.). São Paulo: Parábola, 2013, p. 135-151.

DIFICULDADES COTIDIANAS NA PRÁTICA DOS MEIOS ALTERNATIVOS DE SOLUÇÃO DE CONFLITOS

Rafael Reis Lins (ESMA/PB)

Devido à extensa demanda no Poder Judiciário, fez-se necessário outras fórmulas para solucionar os conflitos jurídicos, mas não só, a implementação dos métodos se deram também pela necessidade de ser estabelecido um incentivo a paz no judiciário brasileiro, de forma que, os meios alternativos de solução não podem ser visto apenas como forma de desafogar o Poder Judiciário.

No instante quem a autocomposição é utilizada como um instrumento de administração da máquina judiciária, ela perde sua essência e se torna uma preocupação com estatísticas de entidades administrativas (PROCON Estadual e Municipal), posto que estas procuram boa colocação no judiciário, e o próprio judiciário, visa cumprir as metas estabelecidas pelo CNJ.

Uma das metas estabelecidas pelo CNJ, a ser alcançar em 2023, após aprovação durante o 16o Encontro Nacional do Poder Judiciário, é a Meta 3 que atribui, na justiça Estadual, o aumento do índice de Conciliação do Justiça em Números em 1 ponto percentual em relação a 2022, levando em consideração a cláusula de barreira de 15% de Índice de Conciliação, na Justiça Federal fixou o percentual mínimo de 8% no Índice de Conciliação e na Justiça do Trabalho aumentou o índice de conciliação em relação à média do biênio 2020/2021, em 1 ponto percentual, com cláusula de barreira de 40% (CNJ, 2023).





“

mediadores e conciliadores sem formação de qualidade não contribuem para acordos frutíferos

É de bom alvitre se destacar que calcular os métodos alternativos com base apenas em índices pode gerar pressão dos conciliadores sobre as partes para aumentar o quantitativo de acordos, sem proveito social algum, sem a vontade de ambas as pessoas envolvidas (YARSHELL, 2009).

De fato, a auto-imposição apresenta grandes benefícios ao ordenamento jurídico, no entanto, deve-se ter o cuidado de os meios alternativos de solução não serem exclusivamente formas de aceleração dos processos para diminuir a acumulação desenvolvida no Poder Judiciário. A resolução deve ser uma consequência da aplicação, sem perder sua essência, o que pode levar a uma das partes envolvidas a acordos que prejudicam seus interesses (RODRIGUES, 2019).

Além disso, mediadores e conciliadores sem formação de qualidade não contribuem para acordos frutíferos o que, quando, em sua maioria, não firmar acordos prejudiciais a uma das partes, pode ocasionar um atraso no processo, tornando a audiência uma morosidade ao sistema.

Destarte, os procedimentos dos métodos harmônicos de resolução de conflitos são da mais alta importância, imprescindível de atenção, sendo estes, inclusive, a melhor alternativa para a solução de um conflito, no entanto deve-se ter profissionais competentes, com tempo suficiente para participar de uma audiência e a autocomposição não deve ser vista como meros números, impondo conciliadores e juízes, subalternando a absorção de conflitos.



Bibliografia:

CNJ. METAS NACIONAIS 2023. CNJ, 2023. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/01/metas-nacionais-aprovadas-no-16o-enpj.pdf>>. Acesso em: 28 JULHO 2023.

RODRIGUES, . MEDIAÇÃO E CONCILIAÇÃO: sua efetividade nos conflitos judiciais. UniEVANGÉLICA, ANÁPOLIS, 2019.

YARSHELL, F. L. Para pensar a Semana Nacional da Conciliação. Folha de São Paulo, São Paulo, 2009.



Segundo Bakhtin (2003), a linguagem é responsável por mobilizar e instaurar o permanente processo dialógico presente entre as pessoas e a sociedade. Para Kleiman (2002), a interação entre as pessoas é o princípio fundador da linguagem.

Sob tais concepções de linguagem, podemos compreender o plano dialógico enquanto produtor de significados e sentidos no desenvolvimento sociointelectual das pessoas. Tal plano interferirá na formação de leitores críticos e dialogicamente conscientes, lendo por prazer (Tinoco: 2013). Ou seja, leem pelo prazer do ato em si ou pelo prazer da necessidade de ampliar conhecimentos, aprofundando-os, leem a essência do texto e a deles (afinal, a intersubjetividade é anterior à subjetividade).

Adentrando em nossas observações, no campo de pesquisa, vivenciamos a essência da dialogicidade suscitada por Bakhtin em seus anseios de linguagens.

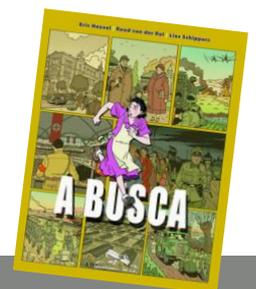
A cada vivência podíamos sentir o envolvimento das crianças ao trocar com os

colegas de sala algumas de suas leituras realizadas em casa ou na escola, trazendo consigo uma sede constante de contar algo que achou interessante ao se debruçar nas palavras/imagens presentes nas páginas de um livro.

Tecemos, aqui, algumas das nossas vivências literárias com as crianças (principais sujeitos da pesquisa) numa perspectiva de leitura interativa. Uma vez seduzidos pelo ideário da Estética da Recepção, baseada nos estudos de W. Iser (1996), teoria crítica onde o leitor é peça fundamental na construção de sentidos para o texto. Bosi, complementa-nos dizendo que a leitura por si só não basta, é preciso um envolvimento com o outro, é preciso o dialogar com o outro e com a obra literária para dar significado.



Muitas foram as experiências literárias, mas uma bem significativa foi quando o aluno Miguel pediu para mostrar aos colegas um livro que havia comprado. A turma ficou curiosa para saber qual era a história e se direcionaram para ouvir o relato. Inicialmente, apresentou a capa do livro e justificou o motivo da compra dizendo que havia comprado porque queria saber o que aconteceu às pessoas durante a segunda guerra mundial e como era a vida dos judeus diante das torturas provocadas por Hitler. Os acontecimentos narrados no livro "A Busca". A seguir, um trecho do relato de Miguel.



Quando eu li o livro eu vi como a Segunda Guerra Mundial afetou milhares de judeus. Tudo porque Adolfo Hitler não gostava dos judeus. Ele queria exterminá-los só porque eram diferentes e acabou provocando o holocausto*.*

**Os nazistas mataram cerca de seis milhões de judeus. (grifo de Miguel).*

DESJUDICIALIZAÇÃO DOS CONFLITOS FAMILIARES: O PAPEL TRANSFORMADOR DA MEDIAÇÃO

Nayra Luanna Neves Gonçalves

[ARTIGO]





Ao proporcionar um espaço seguro para o diálogo, o mediador atua como um facilitador neutro, garantindo que os interessados sejam ouvidos e incentivando a exposição de sentimentos...



O instituto da mediação consiste em uma abordagem autocompositiva em que se permite que as partes envolvidas construam, de forma colaborativa, soluções para suas questões, auxiliadas por um mediador imparcial e capacitado. Contudo, ainda é observada uma maior preferência pela judicialização do conflito, em detrimento dos meios autocompositivos. Nessa toada, questiona-se se é possível, realmente, afirmar que os conflitos, especialmente no contexto familiar, podem ser mais bem solucionados através da mediação, como forma alternativa de solução de conflito. Caso sim, por que ainda se persiste na busca da judicialização ao invés da mediação, mesmo com os possíveis benefícios apresentados?

A sensibilidade e a complexidade das relações familiares são amplamente conhecidas, uma vez que esses conflitos geralmente estão ligados à vida pessoal e íntima das pessoas envolvidas. Em muitos divórcios litigiosos, as partes são levadas a enfrentar longos e desgastantes processos judiciais, em que a decisão final é proferida por um terceiro - o juiz. Esse cenário pode perpetuar conflitos, ampliar desentendimentos e aprofundar feridas emocionais já existentes, resultando em um custo emocional e financeiro extremamente elevado para as partes.

Por outro lado, a mediação surge como uma abordagem humanizada, que busca redefinir relações, preservar laços familiares e mitigar o impacto emocional. Ao proporcionar um espaço seguro para o diálogo, o mediador atua como um facilitador neutro, garantindo que os interessados sejam ouvidos e incentivando a exposição de sentimentos, preocupações e interesses subjacentes. Esse diálogo colaborativo é fundamental para que os envolvidos compreendam os pontos de vista uns dos outros, estabelecendo um terreno fértil para a construção de soluções que atendam aos interesses de ambas as partes.

Enquanto na sentença proferida por um juiz pode-se ter a ideia de ganhador-perdedor, onde uma das partes é beneficiada, a mediação adota o conceito de ganhador-ganhador, ou seja, todos são beneficiados, uma vez que são as próprias partes que constroem o acordo de forma consensual e igualitária. Essa autonomia na definição das soluções aumenta a probabilidade de que as decisões sejam respeitadas e cumpridas no decorrer do tempo.

OUÇA +

Marisa Monte. *Depois de sonhar tantos anos. De fazer tantos planos. De um futuro pra nós. Depois de tantos desenganos. Nós nos abandonamos como tantos casais*



REFERÊNCIAS

Albuquerque, Julia Delfino. O PAPEL DA MEDIAÇÃO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS FAMILIARES DECORRENTES DO DIVÓRCIO E DISSOLUÇÃO DE UNIÃO ESTÁVEL. Universidade Federal de Viçosa – MG. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/9962/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 04/08/2023.
Brandt, Laís Michele; Brandt Junior, Lauro. A MEDIAÇÃO COMO FORMA ALTERNATIVA PARA AS SOLUÇÕES DOS CONFLITOS FAMILIARES. Prolegômenos, vol. XXI, núm. 42, 2018, Julho-Dezembro, pp. 177-193. Universidad Militar

Ademais, a mediação foca no futuro, em vez de se prender ao passado. Em casos de divórcio com menores, por exemplo, a mediação encoraja as partes a pensarem em como reestruturar a família para o bem-estar dos filhos. Isso não apenas minimiza os danos emocionais, mas também oferece um ambiente mais saudável para que as crianças se adaptem à nova realidade.

Contudo, apesar dessas inegáveis benesses, ainda é notável que a mediação não é amplamente buscada pelas partes em substituição à judicialização. Dentre as razões, destaca-se o desconhecimento sobre o instituto da mediação e suas vantagens, bem como a falta de confiança no processo devido a percepções equivocadas. Além disso, o sentimento de vingança e a crença de que apenas a via judicial pode solucionar questões mais graves também podem contribuir para a preferência pela judicialização.

“

Além disso, o sentimento de vingança e a crença de que apenas a via judicial pode solucionar questões mais graves também podem contribuir para a preferência pela judicialização.

É importante ressaltar que nem todos os conflitos familiares são passíveis de serem mediados. Entretanto, é fundamental que a mediação seja mais amplamente reconhecida e adotada como uma prática comum no deslinde de conflitos familiares.

Investir na divulgação da mediação, capacitar mediadores e criar mecanismos para incentivar sua utilização são passos essenciais para proporcionar às famílias uma abordagem mais humana e colaborativa na resolução de questões que surgem em momentos delicados, como os de família. A mediação é uma poderosa aliada na busca por respostas justas e sustentáveis para impasses familiares, transformando relações e permitindo que as famílias enfrentem essa transição com maior compreensão, empatia e harmonia.

Por todo o exposto, conclui-se que o instituto da mediação, em que pese não seja o caminho mais percorrido/procurado, é uma ferramenta valiosa e eficaz no contexto da resolução de conflitos familiares, pois não apenas ajuda a dirimir contendas, mas também oferece a oportunidade de restaurar a confiança nas relações interpessoais, contribuindo para o bem-estar emocional e a construção de um futuro mais harmonioso para todos os envolvidos.



O impacto da pandemia da Covid-19 na saúde do trabalhador:

Rafaela Viana dos Santos Oliveira



[ARTIGO]

**quem contraiu o
coronavírus tem direito a
benefícios previdenciários
do INSS?**

[SUMÁRIO]

O impacto

Em 2020, o mundo inteiro foi acometido pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19), uma doença até então desconhecida e com sintomas muito agressivos, tais como pneumonia e insuficiência respiratória que podiam levar à morte. Devido a gravidade e letalidade da patologia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) iniciou protocolos de urgência a serem seguidos por todos os países: uso obrigatório de máscaras, higienização com álcool em gel, distanciamento e isolamento social.

As mudanças no cenário internacional também foram aplicadas no Brasil, tivemos momentos de Lockdown ou quarentena, que impõe o fechamento do comércio, exceto serviços considerados essenciais. Entretanto, mesmo com a diminuição de circulação de pessoas, muitos trabalhadores foram infectados pelo vírus e apresentam sequelas físicas (dores, fraquezas, fadiga, lesões dermatológicas, cardiopatias, diabetes, trombozes, embolias pulmonares, insuficiência respiratória e cardíaca), psicológicas (Ansiedade, depressão e outros transtornos) e neurológicas até os dias atuais.

Com a chegada das vacinas contra a covid-19 ao país, houve uma queda no número de internações, casos graves e, conseqüentemente, na mortalidade das pessoas. Desse modo, as atividades comerciais puderam ser retomadas em sua totalidade e estamos em processo de recuperação econômica.

É fatídico que a pandemia do coronavírus ocasionou mudanças drásticas na vida dos brasileiros, muitos perderam seu sustento e a própria saúde, convivendo com as sequelas deixadas após a contaminação do vírus e pelo isolamento social.

O médico, Dr. Drauzio Varella em artigo sobre as sequelas da doença, alerta que as conseqüências da covid-19 podem perdurar por meses, principalmente nos casos em que houveram internações hospitalares. Além disso, cita um estudo publicado no "Morbidity Mortality Weekly Report", dos Estados Unidos, mostrando que 14 a 21 dias depois do diagnóstico da covid, 35% dos pacientes se queixavam de não ter voltado às condições de saúde de antes.

No mundo jurídico, também tivemos que acompanhar essas transformações e nos adaptar a uma nova realidade social. Por esse motivo, houveram diversas atualizações na legislação Trabalhista e Previdenciária com o objetivo de atender as necessidades dos trabalhadores e segurados do Instituto Nacional de Previdência e Seguridade Social (INSS) que inevitavelmente foram contaminados pelo Vírus.

SAIBA +

Recuperação do mercado de trabalho das regiões brasileiras perde fôlego no início de 2023



Os benefícios Previdenciários são direito de todas as pessoas que se encontram filiadas ao INSS, ou seja, que trabalham de carteira assinada ou que são contribuintes individuais ou facultativos.

Afinal, as pessoas acometidas pelo Coronavírus têm direito a benefícios do INSS? A resposta é, sim! Inclusive foi uma das principais causas de afastamento do trabalho em 2021: foram 68.014 concessões, número equivalente a 54,5% das liberações, segundo dados do Ministério do Trabalho e Previdência. É importante enfatizar que para concessão de qualquer benefício previdenciário por incapacidade são necessários documentos médicos que comprovem os danos à saúde.

Os segurados do INSS que contraíram a Covid-19 e tiveram que se afastar do trabalho pela doença têm direito a benefícios previdenciários. São três as possibilidades:

- Auxílio por Incapacidade Temporária (Antigo Auxílio-Doença)

Conforme dispõe o art. 60, §3º da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), os primeiros 15 (quinze) dias consecutivos de afastamento da atividade por motivos de infecção por qualquer doença são pagos pelo empregador sem desconto de salário, não havendo o que se falar em benefícios previdenciários.

No entanto, o art. 59 da Lei de Benefícios da Previdência Social, (Lei 8.13/1991) dispõe sobre o direito a concessão de auxílio por incapacidade temporária (antigo auxílio-doença) ao contribuinte ou segurado do INSS que ficar incapacitado para o seu trabalho por mais de 15 (quinze) dias consecutivos.

É válido mencionar que, via de regra, as pessoas acometidas pela covid-19 com sintomas leves ficam afastadas do trabalho por recomendação médica durante um período médio de 07 (sete) a 14 (quatorze) dias.

Portanto, o contribuinte ou segurado do INSS que, em razão da infecção por coronavírus, tenha que se afastar por mais de 15 (quinze) dias seguidos – situação comum nos casos mais graves em que há necessidade de internação hospitalar -, tem direito ao benefício por incapacidade pago pelo INSS.

Nesta conjuntura, o auxílio por incapacidade temporária (auxílio-doença) deve ser pago ao trabalhador enquanto estiver sem condições de voltar as suas atividades. Em regra, o segurado em gozo desse benefício passa por uma reavaliação da sua condição médica a cada dois anos.

- **Auxílio por Incapacidade Permanente (Aposentadoria por Invalidez)**

De acordo com o art. 42 da Lei 8.213/1991, as pessoas acometidas pelo Coronavírus que apresentam sequelas persistentes e graves, em gozo ou não de auxílio por incapacidade temporária (auxílio-doença) e tiverem constatadas incapacidade permanente para o trabalho, sem possibilidade de reabilitação profissional (de ser designado a outra função na empresa), possuem direito ao benefício por incapacidade permanente (aposentadoria por invalidez).

Assim, comprovada a situação acima por perícia médica, a conversão do benefício de auxílio-doença para aposentadoria por invalidez deve ser feita pelo INSS de forma automática, sem a necessidade de um novo requerimento.

- **Pensão por Morte**

De acordo com informações coletadas no site do Ministério da Saúde, até 28/10/2023 o Brasil chegou a contabilizar 706.808 mil óbitos em decorrência de complicações por covid-19.

Esses dados chamam atenção pela quantidade de famílias que foram atingidas pela pandemia, muitas delas sem amparo financeiro algum por não conhecerem seus direitos. Em caso de falecimento de segurado em virtude do Coronavírus, será concedida a pensão por morte a seus dependentes.

conclusão

Diante do exposto, é possível observar que a Pandemia do Coronavírus repercute seus reflexos até os dias atuais na vida de muitos trabalhadores e de suas famílias. A população brasileira sofre com a crise econômica que foi instaurada no país, vivemos uma época de escândalos de desigualdades sociais que podem ser amenizadas através da proteção social e previdenciária.

Portanto, a tragédia demográfica e conseqüentemente econômica ocorrida no Brasil é possível de ser ressignificada através da distribuição de renda. Em um país em que a distribuição de renda é extremamente desigual, o sistema previdenciário é capaz de proporcionar a retomada da dignidade e do bem-estar da classe trabalhadora além de movimentar a economia em diversas cidades do país.

O momento do nosso país é de retomada e recuperação dos reflexos da pandemia, mas sem esquecer e desamparar todos que sofreram com a dura realidade da covid-19. Dessa forma, torna-se imprescindível a difusão de informações previdenciárias às famílias brasileiras para garantir o direito ao acesso à Justiça Social e o combate à pobreza através da concessão de benefícios que lhe são assegurados.

Referências:

- BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Lei sobre Planos de Benefícios da Previdência Social e outras providências. Acesso em: 31 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Covid-19 no Brasil, 2023. Disponível em: < https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 30 de out. 2023.
- CAVALLINI, Marta. Veja os direitos previdenciários e trabalhistas de quem contraiu a Covid-19. Portal G1, 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/14/veja-os-direitos-previdenciarios-e-trabalhistas-de-quem-contraiu-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 30 de out. 2023.
- CAVALLINI, Marta. Covid-9 é a principal causa de afastamentos do trabalho em 2021 e sequelas devem aumentar concessões de auxílio-doença.ghtml. Acesso em: 30 de out. 2023.
- GANDINI, Arthur. Sequelas da Covid-19 dão direito a benefícios por invalidez do INSS. OAB PREV. Disponível em: < <https://www.oabprevpr.org.br/noticias/sequelas-da-covid-19-dao-direito-a-beneficios-por-invalidez-do-inss/>>. Acesso em 30 de out. 2023.
- DOREA, Luma. Sequelas da Covid-19: afetados podem ter direito a benefício do INSS. JUSBRASIL. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/sequelas-da-covid-19-afetados-podem-ter-direito-a-beneficio-do-inss/1299447282>. Acesso em 31 de out. 2023.
- LIMA JUNIOR, José de Macedo. Benefício por incapacidade temporária: uma análise da concessão ao trabalhador acometido por covid-19 / Jose de Macedo Lima Junior. - João Pessoa, 2022. 59 f. disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24104/1/JMLJ27062022.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2023.
- VARELLA, Dráuzio. Sequelas da covid, 2020. Disponível em: < <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/sequelas-da-covid-artigo/>>. Acesso em 31 de out. 2023.

A CONSTITUCIONALIZAÇÃO DO DIREITO PRIVADO

COMO MEIO DE EFETIVAÇÃO À AUTOCOMPOSIÇÃO CONSENSUAL SOB O PRINCÍPIO DA SOLIDARIEDADE

Samara Arruda Gonçalves

[ARTIGO]

A Constituição centralizou o ordenamento jurídico, desafiando a constitucionalização do direito privado e do sistema multiportas.

O constitucionalismo contemporâneo traz consigo a preocupação de manter a Constituição Federal viva no contexto social, buscando fazer-se presente em todos os momentos da sociedade, em prol da garantia dos direitos fundamentais. Para que assim, se possa efetivar os direitos humanos de terceira geração, como a paz social e bem-estar social. Percebo uma grande mudança no contexto social recebido de uma sociedade egoísta e individualista, em nome de uma liberdade individual totalmente indiferente com o próximo.

Muitos são os desafios enfrentados desde que a Constituição se tornou o centro do ordenamento jurídico no cenário brasileiro, assumindo o lugar do Código Civil no que tange às relações privadas, ante ao advento da descodificação com a edição de inúmeras leis esparsas.

Tornando-se cogente a atenção à constitucionalização do direito privado, como caminho para o alcance dos direitos humanos. Reflito sobre o sistema multiportas como alternativa de solução de conflitos extrajudiciais. Para tanto, descobrir a constitucionalização do direito privado garantindo a concretização dos direitos humanos, especialmente a solidariedade, é primordial para a averiguação da efetividade da Constituição na garantia dos direitos humanos, incluindo uma justiça mais célere, sem entrar em conflitos com o princípio constitucional do Devido Processo Legal.

A abordagem dos direitos humanos traz o desafio de seu caráter supranacional, não se limitando à previsão legal e aos costumes sociais, sendo postulados primários de toda ordem moral. São direitos absolutos, reconhecidos, universais e humanistas. Nasce-se com esses direitos.



No cotidiano da pessoa, o direito civil e o direito constitucional são os que mais lhe dizem respeito. Portanto, emerge a necessidade da caminhada conjunta desses institutos com o novo panorama das resoluções de conflitos, como a conciliação, a mediação, a justiça arbitral e a justiça restaurativa, para alcançar a constituição de uma sociedade livre, justa e solidária, nos moldes da previsão constitucional.

Acredito que a abrangência inspirada pelas ideias revolucionárias da Resolução 125 do Conselho Nacional de Justiça e o Sistema Multiportas sancionadas pelo Código de Processo Civil de 2015 têm muito a contribuir para o descongestionamento de litígios processuais em todas as instâncias e Tribunais do país. Em outras palavras, a ideia de Justiça Multiportas é fortalecida na medida em que se criem vias alternativas para solucionar conflitos, buscando melhor atender às particularidades de cada caso. Compreender que a jurisdição estatal é apenas uma das diversas opções disponíveis para resolver um litígio. Além disso, observamos a intensa quantidade de demandas que excedem o número de juízes, sobrecarregando o Poder Judiciário.

Isso, somado a fatores relacionados ao orçamento, número de servidores, quantidade de horas de trabalho diário, direitos e deveres funcionais, resulta em um desequilíbrio na duração dos processos, ou qual a economia é demonstrada pela influência mútua entre a oferta e a demanda.

A solidariedade desempenha um papel fundamental como guia para as condutas individuais com foco no coletivo, caminhando em consonância com a Constituição rumo à dignidade da pessoa. Importante ressaltar que, para a concretização dos direitos humanos e as plataformas do sistema multiportas, principalmente no campo da mediação, parte-se da premissa de que são direitos fundamentais, pois são reconhecidos e positivados pelo direito constitucional do Estado.

“
*"Duis non
ullamcorper erat.
Aenean in imperdiet
est. Vestibulum
dictum dictum odio,
accumsan volutpat
enim placerat"*

Nessa linha, a solidariedade, enquanto princípio fundante, é esposada no art. 3º, I, da Constituição Federal, sendo também um direito fundamental.

Vislumbro que a constitucionalização do direito privado, transferirá a efetivação dos direitos humanos, se concretizará a partir da inserção da solidariedade no cotidiano jurídico e na vida das pessoas, de modo a permitir uma convivência digna na sociedade.



Dessa forma, temos a Constituição como um livro vivo da realidade social, participando como peça central da sociedade em prol dos direitos humanos. Seguindo um caminho traçado pela solidariedade, fraternidade e altruísmo, com o objetivo de superar todos os homens vividos, cabe a busca pela preservação da vida e sua promoção de maneira livre, alinhada ao ideal de igualdade e qualidade de vida tanto em nível individual quanto coletivo.

Reflexiono que desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a necessidade de respeito aos direitos humanos foi inserida no ordenamento brasileiro por meio da Constituição Federal de 1988.

Nesse sentido, conclui o presente artigo reconsiderando o constitucionalismo contemporâneo, que tem como orientação o princípio da solidariedade e certamente concretizará seus valores no prol da sociedade que confiou ao Estado o papel de garantir a dignidade da pessoa humana, especialmente no que se refere aos direitos de terceira geração, que foram compreendidos a partir dos anos 1960 e englobam os direitos coletivos da humanidade, como a defesa ecológica, a paz, o desenvolvimento e a autodeterminação dos povos.

Não se pode ignorar que o processo, para seu legítimo desenvolvimento, deve obedecer a uma série de garantias, sendo o contraditório (hoje sob a perspectiva participativa) uma das mais destacadas, especialmente no sistema de autocomposição para processos litigiosos. Atender a essa exigência é uma necessidade do Estado Democrático de Direito, além de ser a única forma de garantir um processo justo. Nesse contexto, destaca-se a importância de mecanismos que promovem a desjudicialização por meio de plataformas digitais, uma vez que é fundamental pensar em ferramentas que assegurem um cumprimento voluntário maior dos direitos da sociedade e, em caso de disputas eventualmente, oferecer alternativas mais econômicas para sua resolução de maneira oportuna. É nessa intersecção que vislumbra o constitucionalismo contemporâneo, sob a ótica da solidariedade, e a autocomposição consensual de conflitos judiciais.



FAMÍLIAS BRIGAM POR QUALQUER RAZÃO, MAS ACABAM PEDINDO PERDÃO

Sarah Donato Soares

Vivemos dias de modernidade líquida como diria o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman. Tendo em vista isso, grande parte de nossa sociedade, por enquanto, é marcada pela volatilidade e uma liquidez do ser e ter, ou seja, uma preocupação exacerbada do possuir e parecer, ao invés da valorização do ser humano em sua real identidade, havendo a presença de mudanças constantes nas estruturas, o crescimento em larga escala da economia, do produzir, uma sociedade que carece de solidez em todos os aspectos. Partindo desse pressuposto, as relações familiares também sofrem as influências desta liquidez, infelizmente, não é raro ver diversos conflitos nessa área, principalmente quando envolve patrimônios, afinal de contas, o “órgão mais sensível do ser humano é o bolso”.

COM MEDIÇÃO

Existem diversos mecanismos jurídicos para prevenir e solucionar as dilapidações patrimoniais e emocionais nas famílias, contudo, nem sempre os conhecimentos de tais instrumentos, que conferem segurança jurídica chegam a tempo, nestes casos, os conflitos familiares tendem a se agravarem, trazendo transtornos para todos os envolvidos, ocorre que, quando tais lides penetram a esfera judicial contenciosa, o processo por vezes se torna exaustivo, emocionalmente, financeiramente e prolongado no tempo. Porém, existem os meios preventivos de conflitos, são instrumentos jurídicos como o usufruto, doação, testamento e holdings, também há o que chamamos de meios alternativos de solução de conflitos (não contencioso), entre estes, encontramos a arbitragem, conciliação e a mediação, para a realização de acordos, investimentos empresariais e possíveis economias tributárias.

[ARTIGO]



Como já diz na música de abertura do programa televisivo “A grande família”, *esta família é muito unida, e também muito ouriçada, brigam por qualquer razão, mas acabam pedindo perdão*, com a mediação acrescento, assim, entendemos que os motivos de conflitos familiares podem não estarem distantes de nossa realidade, contudo, o que fará a diferença, é como eu lidarei com tais problemáticas, muitas vezes, a depender do caso, encontra-se percalços maiores para a solução e perdão destes conflitos. Visto isso, em lide de família indica-se a mediação e não a conciliação, inclusive, assim têm sido as orientações no âmbito do poder judiciário.

“

“...nas ações de família, todos os esforços serão empreendidos para a solução consensual da controvérsia...” ART.694

Conforme o TJDFT, existem diferenças entre a conciliação e a mediação. A conciliação seria uma técnica mais participativa utilizada pelo conciliador, o qual, sugere soluções para as partes envolvidas, já a mediação utiliza-se do mediador como um instrumento facilitador do diálogo entre as partes, porém, o mediador não irá apresentar soluções para o conflito familiar, mas se utilizará de técnicas verbais, para que as próprias partes apresentem soluções ao seu conflito, buscando restabelecer o diálogo e o vínculo na família. Podemos fazer a analogia de tais técnicas de resolução de conflitos, com as técnicas realizadas por psicólogos, existem vários métodos para chegar à solução, contudo, a depender do caso abordado, uma técnica terá mais efetividade que outra.

Ademais, o artigo 694, do código de processo civil, expressa que: “nas ações de família, todos os esforços serão empreendidos para a solução consensual da controvérsia, devendo o juiz dispor do auxílio de profissionais de outras áreas de conhecimento para a mediação e conciliação”. Ou seja, a mediação é uma medida segura e incentivada até pelo poder judiciário.

ART.694

Nas ações de família, todos os esforços serão empreendidos para a solução consensual da controvérsia, devendo o juiz dispor do auxílio de profissionais de outras áreas de conhecimento para a mediação e conciliação. Parágrafo único.





Acontece que, os conhecimentos a cerca dos meios alternativos de solução de conflitos, eventualmente não são muito bem compreendidos na sociedade, por ainda ser costumeiro a mentalidade de solucionar qualquer conflito através do famoso “vou te processar”, ou seja, conflitos que poderiam ser resolvidos de maneira mais célere, vislumbrando a paz familiar, por vezes é deixado de lado, para adentrar na esfera judicial contenciosa, se tornando um processo em regra, mais dispendioso, estressante e moroso.

Destarte, pode-se surgir à dúvida: Quando acordado uma solução por meio da mediação, terá eficácia jurídica? Consoante o IPMEC, todo acordo obtido através da mediação possuirá validade jurídica sim, inclusive, caso uma das partes não cumpra o estipulado, a ação poderá ser levada ao poder judiciário. Também consolida-se nesse entendimento Bedê, Ferenc, Ruiz e o Senado Federal, trazendo que a mediação possui natureza jurídica de um contrato, uma vez que, nesta há a manifestação da vontade das partes, criando direitos, modificando ou extinguindo. Por tanto, o termo final de mediação tem caráter de título executivo extrajudicial e ao homologa-lo judicialmente, terá de título executivo judicial.

Se tratando de brigas familiares, eu creio que a mediação seria a melhor alternativa consensual depois de gerado a lide, tendo em vista que, esta objetiva transformar uma condição de confronto em uma colaborativa, segundo a IBDFAM, alguns exemplos de conflitos na família, os quais, podem ser solucionados na mediação seriam a caráter de: divisão de bens, guarda de menores, os alimentos, visitação, inventário, partilha, questões empresariais, dívidas financeiras e em bancos e outros demais. Contudo, não cabendo na mediação casos que envolvam crimes contra a vida.

Além disso, a mediação esta respaldada na Lei 13.140/2015, sendo um processo voluntário e confidencial, o qual, respeitará princípios para o seu pleno funcionamento, como a: autonomia da vontade das partes, isonomia entre as partes, imparcialidade do mediador, busca do consenso, confidencialidade, boa fé, oralidade e a informalidade. Destaco ainda, como alude o IPMEC, existe a mediação extrajudicial, pré-processual e a judicial, a primeira se vê longe do contencioso, a segunda seria no inicio que se da à entrada a um processo na esfera judicial, já para evitar dar seu andamento e a terceira é quando pode-se requerer a mediação, para por fim ao processo a qualquer momento em que este estiver no contencioso.



Sarah Donato Soares. Advogada OAB/PB, Bacharel em Direito (UNIFACISA/PB); Pós-Graduada na Escola Superior da Magistratura/PB. Nesta edição, escreve o artigo: Famílias brigam por qualquer razão, mas acabam pedindo perdão, com a mediação!

Caro leitor, eu enfatizo a importância do conhecimento, porém, em principal a sabedoria aliada a este, para que a mentalidade seja transformada, buscando então ponderar soluções eficazes para as brigas familiares, não apenas na área financeira, mas em um todo, promovendo a paz familiar e por conseguinte, a paz social, não me refiro a uma utopia, mas sim, através de escolhas sábias, impulsionar uma mudança de contexto, que influenciará para além da sua esfera familiar.

Assim reclinemos na prática, o que alude a Bíblia Sagrada, em Efésios 4:32, o qual diz: “Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo.” e em 1 Timóteo 5:8, que expressa: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente.”. Em conclusão, eu creio que as famílias podem até brigarem, mas de certo, não deve ser por qualquer razão, principalmente deve haver o perdão e se necessário, que venha com a mediação.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, ZYGMUNT. MODERNIDADE LÍQUIDA. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.
- A GRANDE FAMÍLIA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dudu-nobre/45592/>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- MEDIAÇÃO X CONCILIAÇÃO X ARBITRAGEM. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/mediacao-x-conciliacao-x-arbitragem#:~:text=Media%C3%A7%C3%A3o%20%E2%80%93%20mediador%20facilita%20o,de%20lev%C3%A1%2Dlo%20ao%20Judici%C3%A1rio.>>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- BÍBLIA. 1 Timóteo 5:8. Disponível em: https://www.bibliaon.com/1_timoteo_5/. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BÍBLIA. Efésios 4:32. Disponível em: https://www.bibliaon.com/efesios_4/. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BRASIL. Lei 13.140/2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13140.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.
- IPMEC. Cursos e Mediações. Disponível em: http://www.ipmec.com.br/o_que_e_mediacao.php#:~:text=Todos%20os%20acordos%20obtidos%20por,ser%20levada%20ao%20Poder%20Judici%C3%A1rio.>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- IBDFAM. A mediação transformativa na composição de conflitos familiares: perspectivas a partir do Direito de Família Mínimo e dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos/1786/A+media%C3%A7%C3%A3o+transformativa+na+composi%C3%A7%C3%A3o+de+conflitos+familiares%3A+perspectivas+a+partir+do+Direito+de+Fam%C3%ADlia+M%C3%ADnimo+e+dos+Direitos+Humanos>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BRASIL. Lei 13.105/2015. Artigo 694. Código de Processo Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BEDÊ, FERENC, RUIZ. estudos preliminares sobre mediação. Disponível em: <file:///D:/Users/DELL/Downloads/727-Texto%20do%20artigo%20-%20Arquivo%20Original-2015-1-10-20080701.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- SENADO FEDERAL. Praça dos Três Poderes -CEP 70165-900 -Brasília DF PARECER No , DE 2013. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3415203&disposition=inline#:~:text=O%20termo%20final%20de%20media%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 ago. 2023.



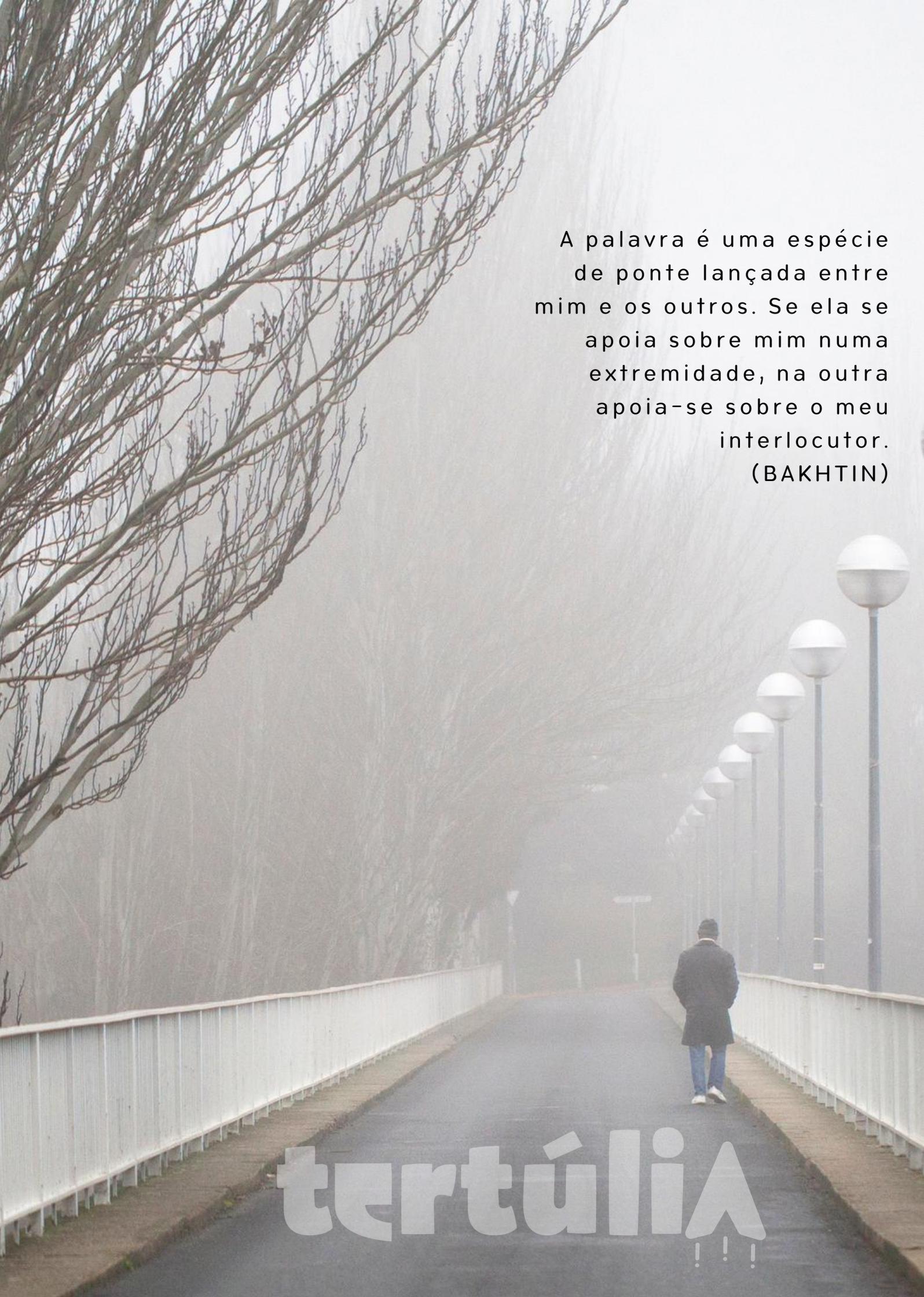
Mochiler

 **tertúlia** 

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

PELO FUTURO DO TRABALHO

A person in a dark coat and blue jeans is walking away from the camera on a paved path on a bridge. The path is flanked by white metal railings. To the right, a series of tall, thin streetlights with white spherical globes recede into the distance. The scene is shrouded in a thick, grey fog, and the sky is overcast. Bare tree branches are visible in the upper left corner.

A palavra é uma espécie
de ponte lançada entre
mim e os outros. Se ela se
apoia sobre mim numa
extremidade, na outra
apoia-se sobre o meu
interlocutor.
(BAKHTIN)

tertúlia